

unique

MAGAZINE



SKYE AT SKYE



CHAMPAGNE

PERRIER JOUËT

THE ART OF THE WILD



BEBA COM MODERAÇÃO.



Morcheeba

A CANTORA SKYE, VOCALISTA DA BANDA MORCHEEBA, FOI FOTOGRAFADA POR GUSTAVO ARRAIS E DEBORAH MAXX

INTERVIEW	HORA DE FAZER A DIFERENÇA	8
ESSAY	FOTÓGRAFOS DE HOMENS E DE ALMAS	14
BOOK	QUE A FORÇA ESTEJA COM VOCÊ!	20
ART	AS LIÇÕES DE INHOTIM	28
ARCHITECTURE	CASA DE IMAGINAR	36
FESTIVAL	EXPERIÊNCIA MUSICAL	46
MENU	O CHEF SUBIU NO TELHADO!	64
GLOBAL	DRINQUE CENTENÁRIO	72
URBE	TERRA À VISTA	76
DESIGN	A CASA VESTE GUCCI	82
TRAVEL	CONQUISTE O ÚLTIMO DESTINO DO MAPA	88
MUSIC	GAROTOS DE LONDRES	94
PROFILE	A VOZ COMO INSTRUMENTO DE LUTA	98
CITY TOUR	TESOUROS DO MUNDO MODERNO	102
DROPS	CIRCUITOS DE ARTE	106
UNIQUE SCENE	EFEITO ÓTICO	114

CONSELHO EDITORIAL UNIQUE

Presidente do Conselho
Jonas Siauly

Diretora Geral
Melissa Fernandes Oliveira

Diretora de Comunicação
Renata Lowndes Kowarick

Analista de Marketing
Felipe Gresse

UNIQUE
MAGAZINE

Publisher
Ricardo Kowarick

Editora-chefe Patrícia Favalle
Diretor de arte Diógenes Belmonte

Colaboradores Adreana Oliveira, Adriana Brito, Ana Davini, Ana Pinho, Claudio Eduardo Nogueira Ramos, Deborah Maxx, Denilson Oliveira, Duda Trindade, Fernanda Meneguetti, Gustavo Arrais, Leonardo Sang, Ná Vianna, Ricardo Toscani, Rodrigo Casarin, Silviane Neno, Simone Quintas

Coordenação de Moda Clessi Cardoso
Tratamento de imagem Nicolas Leite
Produção Gráfica Rubens Flauzino

Representantes Comerciais
SÃO PAULO
Eduardo Isola - C.E.I. – Comunicações Ltda
eduardo.isola@revistaloficial.com.br
Tel: (11) 99473-2977

BRASÍLIA
Beth Araujo
solucao.consultoria@uol.com.br
Tel.: (61) 3226-2218 – (61) 99994-1617

INTERIOR DE SÃO PAULO
Luciene Dias
lmdias@terra.com.br>
Tel.: (16) 3667-1800 – (16) 99133-5352

RIO DE JANEIRO
Sandra Terra
stematico@hotmail.com.br
Tel.: (21) 99529-2397

RIO GRANDE DO SUL E SANTA CATARINA
Lisiane Russo
russolisiane@gmail.com
Tel.: (51)99281-6843

A Revista Unique é uma publicação customizada
coordenada pela Editora Escala Jalou.
tel.: (11) 3855-2235
e-mail: atendimento@revistaloficial.com.br

TUCA REINÉS



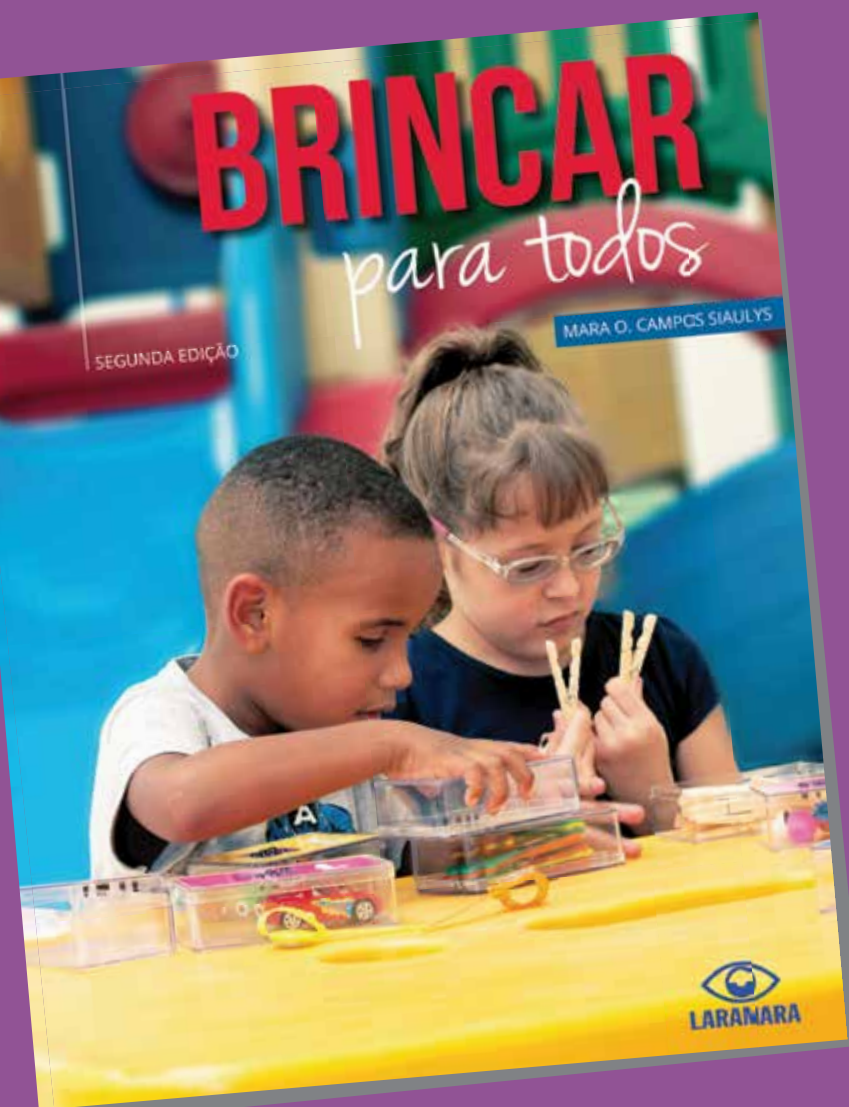
Um espaço de celebração do presente e do luxo
essencial para que cada instante possa ser apreciado
de maneira plena e, acima de tudo, inesquecível.

uniquegarden.com.br



O LIVRO “BRINCAR PARA TODOS”, LANÇAMENTO DA 2ª EDIÇÃO.

Autora: *Mara O. Campos Siaulys*



Um livro feito para impulsionar o
aprendizado de nossas crianças.
Inclusive as com deficiência visual.

Voltada para pais e educadores, esta obra aborda os recursos pedagógicos utilizados na LARAMARA, oferece diversas dicas de brincadeiras, mostra como confeccionar os brinquedos e como brincar com eles, facilitando aos pais a interação com seus filhos. Ainda analisa os benefícios que essas atividades proporcionam ao desenvolvimento infantil.

Ao todo, são 121 divertidos brinquedos que estimulam os sentidos do tato, audição, olfato e paladar. **Brincar para Todos** é uma obra indispensável a quem trabalha para inclusão das crianças com deficiência visual na sociedade.



PARA MAIORES INFORMAÇÕES: TEL. (11) 3660.6463 - SITE WWW.LARAMARA.ORG.BR

EDITORIAL

SOM NA CAIXA!

A música faz parte do DNA do Unique – a começar pelo bar localizado no lobby, batizado de The Wall graças ao álbum icônico do Pink Floyd, até o restaurante Skye, uma homenagem à vocalista do Morcheeba, Skye Edwards. E por falar no espaço gastronômico do hotel, ele acaba de passar por uma repaginada no design e ganhar novas receitas no menu. Em outras frentes, damos start ao Unique Music Festival, que estreia no circuito cool (e alternativo) com Morcheeba, CeeLo Green, City of the Sun e Tender. Sem perder o ritmo, trazemos uma matéria com a multi-instrumentista e ativista Bia Ferreira e o grupo britânico Citizens! Sintonizados com os movimentos que buscam revitalizar o meio ambiente e a cultura nacional, contamos as novidades de Inhotim (MG) e do Parque Minhocão (SP), passeamos pela obra incansável do fotógrafo francês Marc Riboud e ainda tivemos fôlego para listar os bares mais antigos (e que merecem check-in) do mundo. hotelunique.com

ROCK THE HOUSE!

Music is part of Unique's DNA – starting by the lobby bar named The Wall thanks to the iconic Pink Floyd album, and the restaurant Skye, an homage to Morcheeba's singer, Skye Edwards. And speaking of the cuisine of the hotel, the restaurant just went through a design makeover and has new recipes on the menu. In other news, we start the Unique Music Festival, that steps into the cool (and alternative) circuit with Morcheeba, CeeLo Green, City of the Sun and Tender. Not skipping a beat, we bring a spread with multi-talented and activist Bia Ferreira and the British group Citizens! In tune with the movements that intend to revitalize nature and the national cultural scene, we bring the news of Inhotim (MG) and of the Minhocão Park (SP), walk through the tireless oeuvre of French Marc Riboud and still got through to list the oldest (and most deserving of check-ins) bars of the globe. hotelunique.com

ESSAY
By Ná Vianna

FOTÓGRAFO DE HOMENS E DE ALMAS

Um dos nomes mais importantes da fotografia do século 20, **Marc Riboud** se torna necessário para a compreensão dos dias atuais

PHOTOGRAPHER OF MEN AND SOULS

One of the more important names of the 20th century photography, **Marc Riboud** becomes necessary for the understanding of the contemporaneity





Na página de abertura, trabalhadores de um estaleiro na França. Acima, trabalhadores ingleses em greve (1954). À direita, militares do Congo

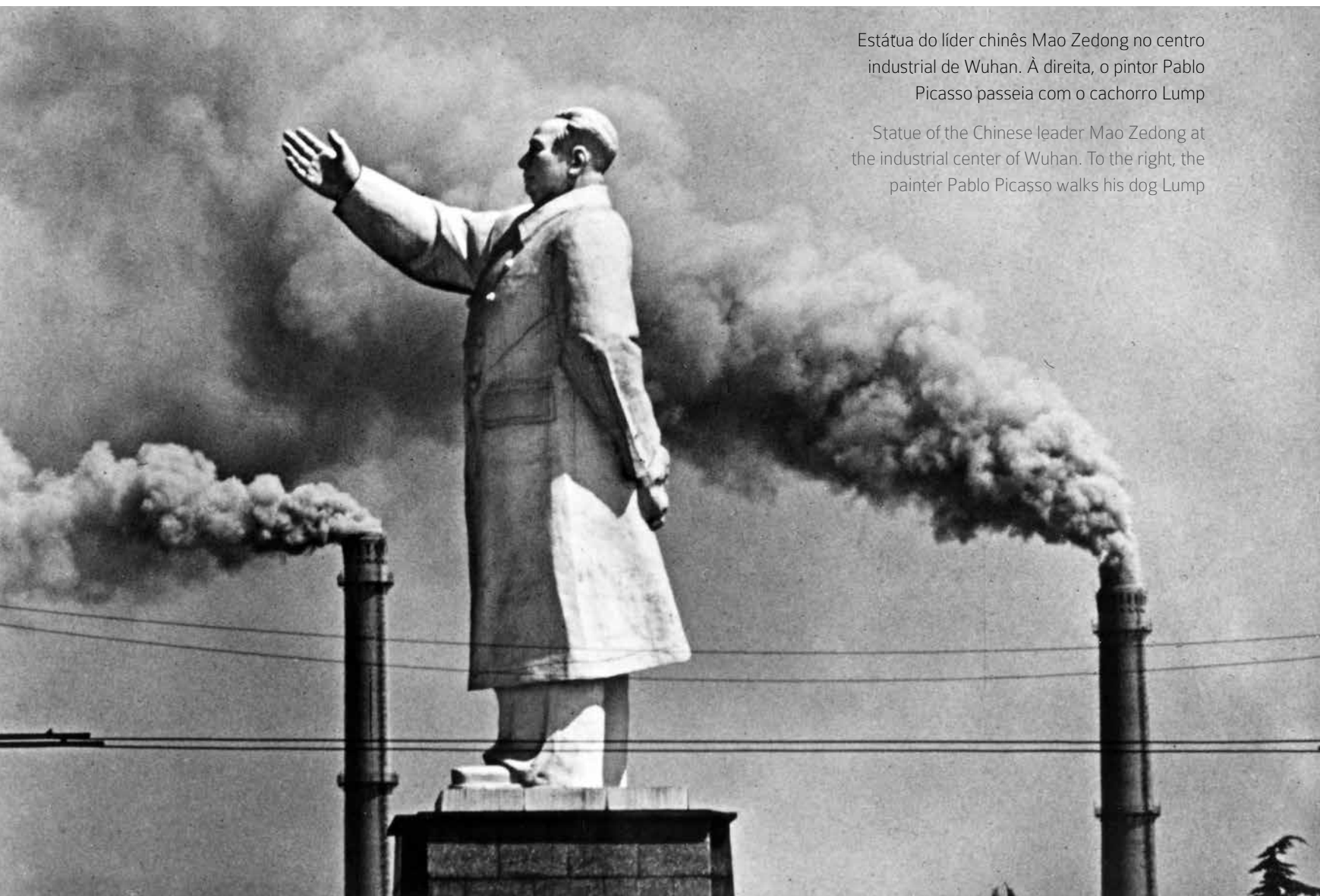
On the opening page, workers in a shipyard in France. Above, English workers on strike (1954). To the right, Congolese army men

FOTOS MARC RIBOUD/REPRODUÇÃO INTERNET



Marc Riboud estudou engenharia na prestigiada Escola Central de Lyon, mas foi a outro tipo de prática inventiva que se dedicou. Quando o assunto é fotografia francesa, há uma tríade sagrada da qual parte um fio condutor inevitável. Se Henri Cartier Bresson é o pai da ideia de momento decisivo, e Robert Doisneau o fotógrafo oficial do modo de vida francês, Riboud é o grande narrador das histórias distantes. O pintor com ares de dançarino equilibrista nas colunas de ferro da Torre Eiffel serviu de passaporte para o mundo da fotografia, mas foi em terras do Oriente, em lugares nos quais poucos fotógrafos europeus haviam estado até então, que Riboud fez um dos portfólios mais etnográficos, jornalísticos e importantes da primeira metade do século 20. O registro histórico do pintor na torre data de 1953 e acabou publicado na Life, uma senha para que o nome de Riboud entrasse nos radares da fotografia mundial. Foi depois dessa estreia que Cartier Bresson e Robert Capa o convidaram para integrar a Magnum, agência que reuniu, durante décadas, o melhor da produção fotográfica do planeta e a elevou à condição de arte. Como membro da Magnum, Riboud ganhou o mundo. Primeiro, veio a rota da Índia, que o levou ao Oriente Médio e ao Afeganistão antes que chegasse à China e ao Japão, tema de seu primeiro livro. Em seguida vieram a então União Soviética, a África subsaariana e o Vietnã. Corriam as décadas de 1950 e 1960, viajar e registrar esses locais não era tarefa simples, e o que Riboud trouxe de lá ficou para sempre impresso na maneira como o Ocidente construiu o olhar e a

imagem dessas terras e desses povos. Havia, sim, guerras, conflitos, pobreza e miséria, mas era para as pessoas, num verdadeiro empenho antropológico, que Riboud olhava. Camaradas em posição de ginástica em frente à universidade de Moscou debaixo de uma nevasca intensa, hindus que descansam à beira do Ganges em uma cena translúcida graças aos saris estendidos, a tradição e a modernidade em uma rua de Dubrovnik, na qual a menina usa um biquíni sob o olhar de desaprovação da avó, o rosto andrógino de viés triste à beira de um lago no Camboja: Riboud quer contar como vivem as pessoas para além da nossa imaginação, quer nos dar elementos para encontrar poesia no diferente e nos ensinar o quão diversa e rica é a natureza humana. Há imagens fortes, como as das barricadas em frente à Sorbonne, em 1968, e o menino fascinado pelo revólver em uma fábrica de armas no Afeganistão. Mas há, também, uma mensagem de esperança ainda possível num tempo em que o humanismo oferecia uma perspectiva de construção social. E uma bela bandeira disso foi o registro da adolescente Jan Rose Kasimir que, aos 17 anos, enfrentou os soldados da Guarda Nacional do Pentágono com uma flor durante um protesto contra a guerra do Vietnã. É uma das imagens mais difundidas de Riboud e, talvez, uma das que melhor traduza as aspirações do verdadeiro humanista que ele era. O fotógrafo morreu em agosto de 2016, aos 93 anos, e deixou para o Museu Nacional de Artes Asiáticas, conhecido como Museu Guimet, o seu arquivo pessoal. guimet.fr



Estátua do líder chinês Mao Zedong no centro industrial de Wuhan. À direita, o pintor Pablo Picasso passeia com o cachorro Lump

Statue of the Chinese leader Mao Zedong at the industrial center of Wuhan. To the right, the painter Pablo Picasso walks his dog Lump



FOTOS MARC RIBOUD/REPRODUÇÃO INTERNET

Marc Riboud studied engineering at the prestigious Central School of Lyon, but it was to another kind of inventive practice he dedicated himself. When the subject is French photography, there is a sacred triad from which stems an inevitable conductive thread. If Henri Cartier Bresson is the father of the idea of the decisive moment, and Robert Doisneau the official photographer of the French lifestyle, Riboud is the great narrator of distant stories. The painter with a ballet dancer demeanor balancing from the iron columns of the Eiffel Tour was his passport for the world of photography, but it was on Eastern lands, in places few European photographers have been so far, that Riboud built one of the most ethnographic, journalistic and important portfolios of the first half of the 20th century. The historic register of the painter on the tour dates from 1953 and ended up on Life magazine, a password for Riboud's name to be on the radars of global photography. It was after this début that Cartier Bresson and Robert Capa invited him to Magnum, the agency that reunited for decades the best of the world's photographic production and elevated it to the status of art. As a member of Magnum, Riboud came to the world's attention. First came the Indian route, that took him to the Middle East and Afghanistan before getting to China and Japan, theme of his first book. Then came the former Soviet Union, Sub-Saharan Africa and Vietnam.

Those were the decades of 1950 and 1960, traveling and registering those places wasn't a simple task, and what Riboud brought was forever imprinted on the way the West built its imagery of those lands and these people. There were, yes, war, conflict, poverty and misery, but it was the people, in a true anthropological effort, that Riboud looked at. Comrades in gym position in front of Moscow's university under a blizzard, hindus resting by the Ganges in a translucent scene thanks to the hanging saris, tradition and modernity in a street in Dubrovnik, in which a girl wears a bikini under her grandmother's disapproving gaze, the sad androgynous face by a lake in Camboja: Riboud wants to tell how people live beyond our imagination, he wants to give us elements to find poetry in the different and teach us how rich and diverse is human nature. There are strong images, such as the barricades in front of the Sorbonne, in 1968, and the boy fascinated by a revolver in a gun factory in Afghanistan. But there is, also, a message that hope is still possible in a time when humanism offered a perspective of social growth. And a beautiful banner of that was the register of the adolescent Jan Rose Kasmir who, at 17, faced the soldiers of the Pentagon National Guard with a flower during a Vietnam War protest. It is one of Riboud's most famous images and, maybe, one of those that better translates the aspirations of the true humanist he was. The photographer passed away in August of 2016, at 93, and left for the National Museum of Asian Art, known as Guimet Museum, his personal archive. guimet.fr

AS LIÇÕES DO INHOTIM

E elas são muitas: arte, arquitetura, botânica, paisagismo, resistência e humanismo. O museu grita o orgulho de ser e estar em **Brumadinho**, chamando para si o protagonismo do renascimento da cidade, que sabe que pode seguir viva na cultura e no turismo

INHOTIM'S LESSONS

And there are many: art, architecture, botanics, landscaping, resistance and humanism. The museum screams its pride of being in **Brumadinho**, drawing upon itself the protagonism of restructuring the city, that knows it can go on living off culture and tourism



WILLIAM GOMES



DANIELA PAQUELLO

Como um bom bordado, o Instituto Inhotim prova que o seu avesso, aquele lado que ninguém vê, é tão nobre quanto os seus impressionantes acervos artístico e botânico espalhados em uma imensa área de 140 hectares. A tragédia de Brumadinho, ocorrida em janeiro deste ano, só entrelaçou ainda mais os pontos do museu com a comunidade local. E não é para menos. Dos seus 600 funcionários, na sua maioria moradores da região, não há quem não tenha uma conexão, uma história para contar de um amigo, conhecido ou parente que teve a vida interrompida pela avalanche de rejeitos de minério. Apesar de não terem sido afetados fisicamente – a tragédia aconteceu a 18 quilômetros do museu –, a primeira medida da direção, ainda atordoada pela notícia, foi fechar as portas para processar os fatos, entender a dimensão, pensar no que fazer e demonstrar seu luto e respeito à comunidade. Reabriu 15 dias depois. Reforçou a programação cultural com apresentações da Orquestra Filarmônica de Minas Gerais, com o cantor Lenine, com a realização do festival MECInhotim, entre outras atrações, e aprofundou as já existentes ações socioeducativas, que chegam a atender 40 mil pessoas por ano. “A principal contribuição que podemos dar a Brumadinho é estarmos abertos, vivos, funcionando”, diz Antonio Grassi, diretor presidente do Instituto Inhotim. E Grassi está sendo modesto. Inhotim é o maior centro de arte contemporânea a céu aberto do mundo. Conta com 700 obras entre pinturas, esculturas, desenhos, fotografias, vídeos e instalações de cerca de 60 artistas, de 38 países diferentes. Uma referência mundial. Destacou Brumadinho no mapa. Grassi sabe da responsabilidade e do potencial que Inhotim tem de ativar o turismo, movimentar pousadas e restaurantes, agitar as redes so-

ciais e mostrar aos moradores que existe opção à mineração. “O turismo motivado pela atividade artística alavanca a economia no mundo inteiro. Temos que ter a cultura e a arte como alternativa”, afirma o executivo. O trabalho de recuperação ambiental da área afetada pela tragédia também tem lá o dedinho do Inhotim. Segundo Grassi, eles possuem mudas e sementes fundamentais para a revitalização das áreas afetadas. Além do acervo botânico de 4.500 espécies brasileiras e exóticas de várias regiões do planeta, adquiridas ao longo dos anos para compor os seus 42 jardins, Inhotim possui uma Reserva Particular de Patrimônio Natural (RPPN) com 249 hectares, que o conecta à montanhosa Cadeia do Espinhaço. “A gente pode ajudar de vários jeitos”, completa. Por falar em outras formas de atuação, no momento, o instituto dedica-se a cadastrar todos os habitantes da região no programa Nosso Inhotim, que dará gratuidade permanente em qualquer dia da semana. “Esperamos, assim, aumentar o nosso vínculo com a comunidade e dar a certeza de pertencimento.”

VALE SABER

A origem do nome Inhotim é curiosa e diz muito do "jeitim" mineiro. Reza a lenda local que, no passado, a área onde hoje localiza-se o museu pertenceu a uma mineradora, cujo responsável era um inglês de nome Timot, ou senhor Tim, ou, em mineirês, "Nhô Tim".



WILLIAM GOMES

Na página de abertura, vista da Galeria Adriana Varejão. À esquerda, obra da japonesa Yayoi Kusama. No alto desta página, instalação de Cildo Meireles. Acima, mural Abre a Porta, de Rigoberto Torres e John Ahearn

On the opening page, view of the Adriana Varejão Gallery. To the left, piece by Japanese Yayoi Kusama. On the top of this page, installation by Cildo Meireles. Above, the mural Abre a Porta (Open the Door), by Rigoberto Torres and John Ahearn





EDUARDO ECKENFELS



DANIELA PAQUELLO



MARCELO COELHO

Na página anterior, instalação De Lama Lâmina, de Matthew Barney. No alto desta página, tela Celacanto provoca maremoto, de Adriana Varejão. Acima, Centro Educativo Burle Marx. À direita, obra de Olafur Eliasson

On the previous page, the installation De Lama Lâmina (From Slab Edge), by Matthew Barney. On the top of this page, canvas Celacanto provoca maremoto (Coelacanth causes tsunami), by Adriana Varejão. Above, Centro Educativo Burle Marx (Burle Marx Educational Center). To the right, piece by Olafur Eliasson

Just like a nice piece of embroidery, Inhotim Institute proves that its reverse, the side nobody sees, is as noble as its impressive artistic and botanic archives spread over a 140 hectares wide area. The Brumadinho tragedy, that happened earlier this year, only intertwined more the museum to the local community. And it could not be any different. Of its 600 employees, mostly inhabitants of the region, there is none who doesn't have a connection, a history about a friend, acquaintance ou relative who had their life interrupted by the landslide of ore to tell. Even though they weren't personally affected – the tragedy happened 18 kilometers away from the museum –, the first provision of the direction, still struck by the news, was to close the doors to process the facts, understand the dimension, think of what to do and manifest their grief for the community. It reopened 15 days later. It upgraded its cultural programme with presentations by the Philharmonic Orchestra of Minas Gerais and the singer Lenine, with the realization of the festival MECAlnhotim, among other attractions, and expanded its already existent socio-educative actions, that get to 40 thousand people every year. "The main contribution we can make to Brumadinho is to remain open, alive, functioning", says Antonio Grassi, president director of the Inhotim Institute. And Grassi is being modest. Inhotim is the largest open air contemporary art center of the world. There are 700 pieces among paintings, sculptures, drawings, photographs, videos and installations of about 60 artists, from 38 different countries. A global reference. It put Brumadinho on the map. Grassi knows the responsibility and potential Inhotim has to activate tourism, occupy hotels and restaurants, be present on social media and

show the locals there is an option to mining. "Tourism motivated by artistic activity boosts the economy worldwide. We have to have culture and art as an alternative", says the executive. The ecological recovery job of the affected are by the project also has Inhotim's intervention. According to Grassi, they possess seedlings and seeds essential to the revitalization of the affected areas. Beyond the botanic archive of over 4.500 Brazilian and exotic species from across the globe, acquired along the years to compose its 42 gardens, Inhotim has a Private Reserve of Natural Patrimony (Reserva Particular de Patrimônio Natural - RPPN) of 249 hectares wide, that connects it to the mountainy Cadeia do Espinhaço. "We can help in many ways", he adds. Speaking of other manners of acting, right now the institute is dedicated to register all of the region's inhabitants in the program Nosso Inhotim (Our Inhotim), that will give them gratuity any day of the week. "We hope this way to strengthen out bond to the community and give the certainty of belonging".

GOOD TO KNOW

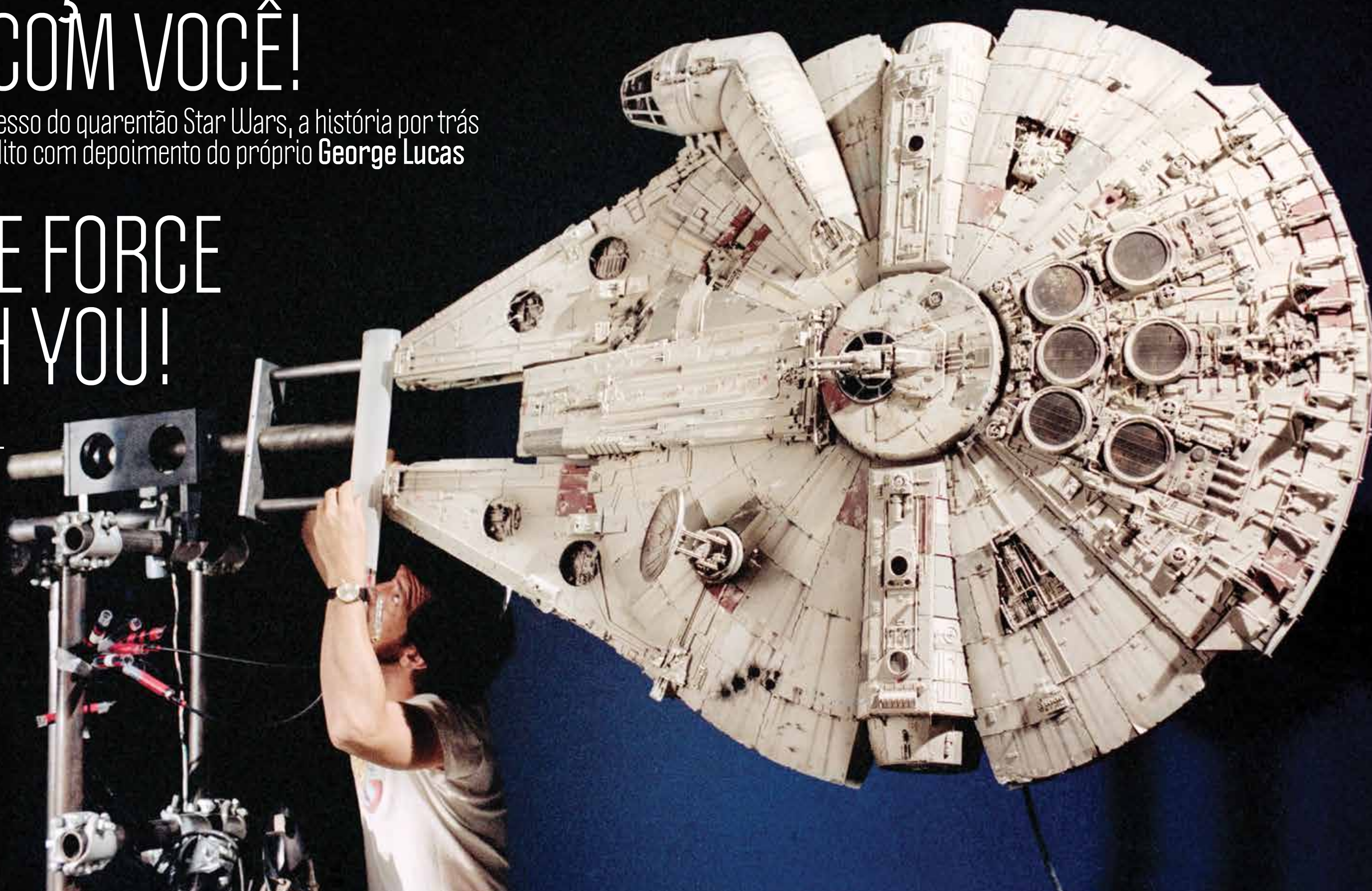
The origin of the name Inhotim is curious and says a lot about the region. According to a local legend, in the past, the area that today belongs to the museum was of a mining company, whose responsible was Timot, or Mr. Tim, or, in good Portuguese, "Nhô Tim".

QUE A FORÇA ESTEJA COM VOCÊ!

Para comemorar o sucesso do quarentão Star Wars, a história por trás do mito ganha livro inédito com depoimento do próprio **George Lucas**

MAY THE FORCE BE WITH YOU!

To celebrate the success of the 40-year-old Star Wars, the story behind the myth gets an original book with testimonies by **George Lucas** himself





FOTOS DIVULGAÇÃO

Não é exagero dizer que no dia 25 de maio de 1977 a história do século 20 começaria a mudar. Se tomarmos o cinema como a grande manifestação artística das últimas décadas, aquela capaz de comover multidões e despertar paixões pelo mundo inteiro, impossível não colocar a chegada de “Star Wars” às telonas como um momento decisivo de nosso passado recente.

Apoiando-se em conceitos da mitologia delineados por Joseph Campbell (veja box), George Lucas construiu aquele que é apontado como um de nossos grandes mitos modernos. O cerne da história é simples: personagens como Luke Skywalker, Han Solo e a princesa Leia compõem a aliança que busca derrubar o império galáctico formado pelo vilão Darth Vader – que sucumbiu ao lado sombrio da força –, e seus comparsas. É o famoso conflito entre o bem e o mal, entre o opressor e

o oprimido, mas exposto em histórias repletas de efeitos especiais que pareciam impossíveis para a época em que os primeiros filmes foram lançados e recheados de elementos que trazem grande complexidade à narrativa.

Sim, falei de primeiros filmes. Na sequência do longa de 1977 vieram “O Império Contra-ataca”, de 1980, e “O Retorno do Jedi”, de 1983. Depois disso, um longo hiato antes da nova sequência de três filmes: “A Ameaça Fantasma”, de 1999, “Ataque dos Clones”, de 2002, e “A Vingança dos Sith”, de 2005. Os filmes da saga “Star Wars” faturaram alguns bilhões de dólares nos cinemas. “O Despertar da Força”, de 2015, e “Os Últimos Jedi”, de 2017, também contribuem tanto para as cifras astronômicas quanto para a construção do universo delineado por Lucas.

Previsivelmente, conforme o sucesso aumentou, “Star Wars” extrapolou

os cinemas. Virou jogo de videogame, HQs, ilustrou produtos e, claro, chegou aos livros. Roteiros que expandem ainda mais o universo onde vivem os Jedis fizeram sucesso e mais de 300 títulos já foram lançados, ampliando o leque de narrativas baseadas nos icônicos personagens – alguns escritores fizeram sucesso com obras nessa linha, como James Luceno e Timothy Zahn.

Àqueles mais puristas, que gostam da ideia de um livro sobre a saga, mas dispensam os enredos que não sejam os levados para as telonas, também existem opções. Uma delas é “The Star Wars Archives: 1977 – 1983”, de Paul Duncan, publicado pela Taschen. No volume, George Lucas conta a sua própria história, explica como a trilogia original nasceu e fornece um rico material iconográfico – scripts, documentos, rascunhos, fotos, cartazes... – sobre o fantástico universo que criou.

O PODER DO MITO

Analisando centenas de mitos presentes em sociedades de diferentes épocas e lugares, o mitólogo Joseph Campbell notou que muitas histórias possuíam uma estrutura semelhante, que ele batizou de “A Jornada do Herói”.

Espécie de roteiro para a criação de grandes narrativas, a Jornada foi publicada no livro “O Herói de Mil Faces”, de 1949, e serviu de base para a elaboração de inúmeros casos de tremendo sucesso, como “Star Wars”.



It is not an exaggeration to say that on May 25th of 1977 the history of the 20th century would begin to change. If we take the cinema as the great artistic manifestation of the last decades, the one capable of moving multitudes and spark passions around the world, it is impossible not to pin-point the arrival of “Star Wars” to the silver screen as a decisive moment of our recent past.

Leaning on the concepts of mythology laid out by Joseph Campbell (see box), George Lucas built that which is considered one of our great modern myths. The core of the story is simple: characters like Luke Skywalker, Han Solo and princess Leia are part of an alliance that aims to overthrow the galactic empire led by villain Darth Vader — that yielded to the dark side of the force —, and his associates. It is the classic conflict of good versus evil, of oppressed and oppressor, but shown in stories full of special effects that seemed impossible for the time the first movies were launched and packed with elements that bring great complexity to the narrative.

Yes, I said first movies. In the sequels of the 1977 feature film came “The Empire Strikes Back”, from 1980, and “The Return of the Jedi”, from 1983. After that, a long hiatus before a new three movie sequel: “The Phantom Menace”, from 1999, “Attack of the Clones”, from 2002, and “Revenge of the Sith”, from 2005. The movies from the “Star Wars” saga made a few billion dollars in the theaters. “The Force Awakens”, from 2015, and “The Last Jedi”, from 2017, also contribute both to the astronomical ciphers as to the construction of the universe built by Lucas.

Predictably, as the success increased, “Star Wars” transcended the movie theaters. It became videogames, comic books, a myriad of products and,

obviously, got to become books. Scripts that expand even more the universe of the Jedi where such a success that over 300 titles were already launched, broadening the range of narratives based on the iconic characters — some writers were very successful with this line of work, like James Luceno and Timothy Zahn.

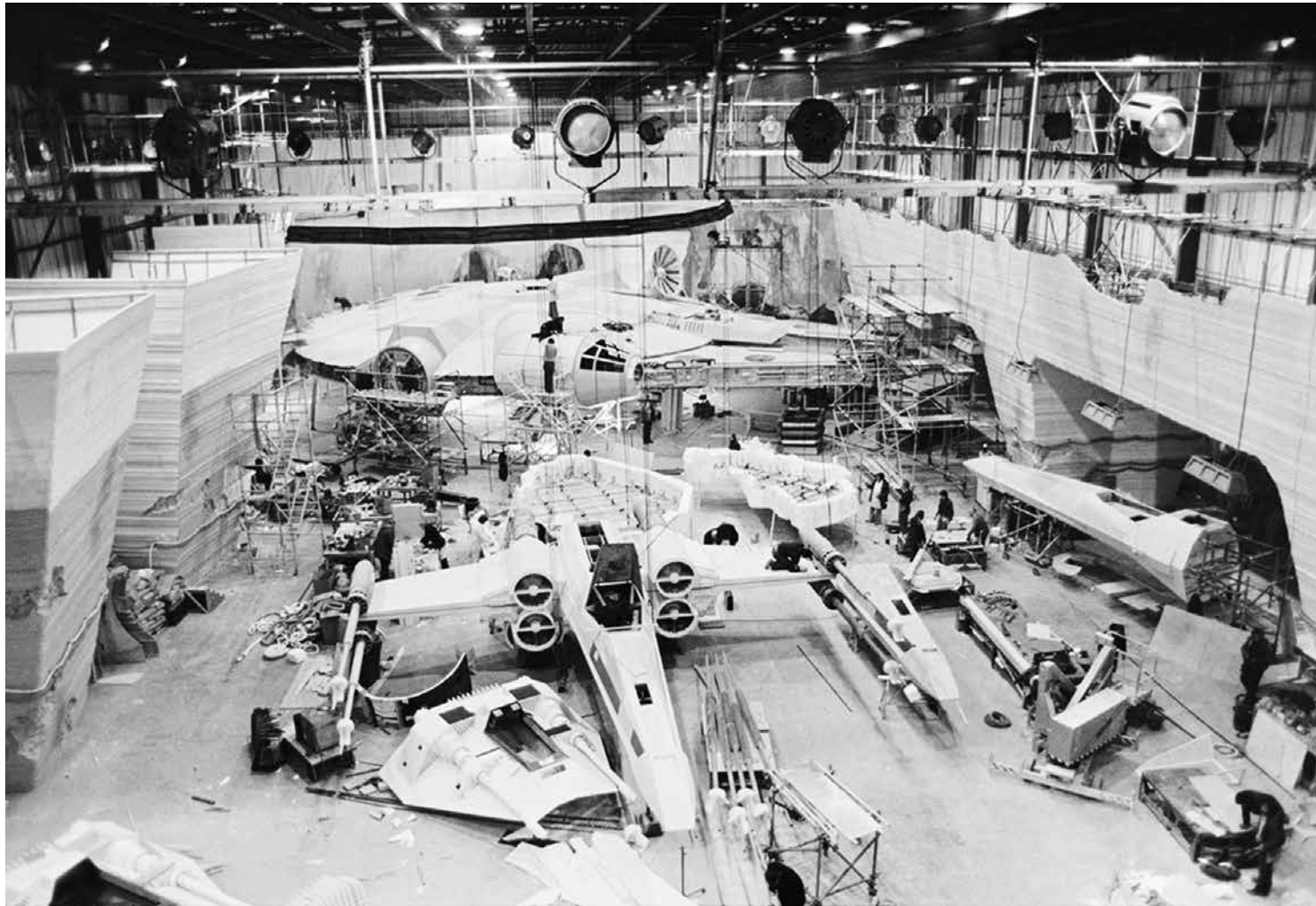
For the purists, who enjoy the idea of a book about the saga, but disregard the tales that don’t get to the silver screen, there are also options. One of them is “The Star Wars Archives: 1977 - 1983”, by Paul Duncan, published by Taschen. In this volume, George Lucas tells his own story, explains how the original trilogy was born and gives us a rich iconographic material — scripts, documents, drafts, photos, posters... — on the fantastic universe he created.

THE POWER OF THE MYTH

Analysing hundreds of myths present in societies from different times and places, mythologist Joseph Campbell noticed many stories had a similar structure, which he baptized as “The Hero’s Journey”. A type of script for the creation of great narratives, the Journey was published in the book “The Hero with a Thousand Faces”, from 1949, and become the basis for the construction of numerous successful cases, such as “Star Wars”.



FOTOS DIVULGAÇÃO



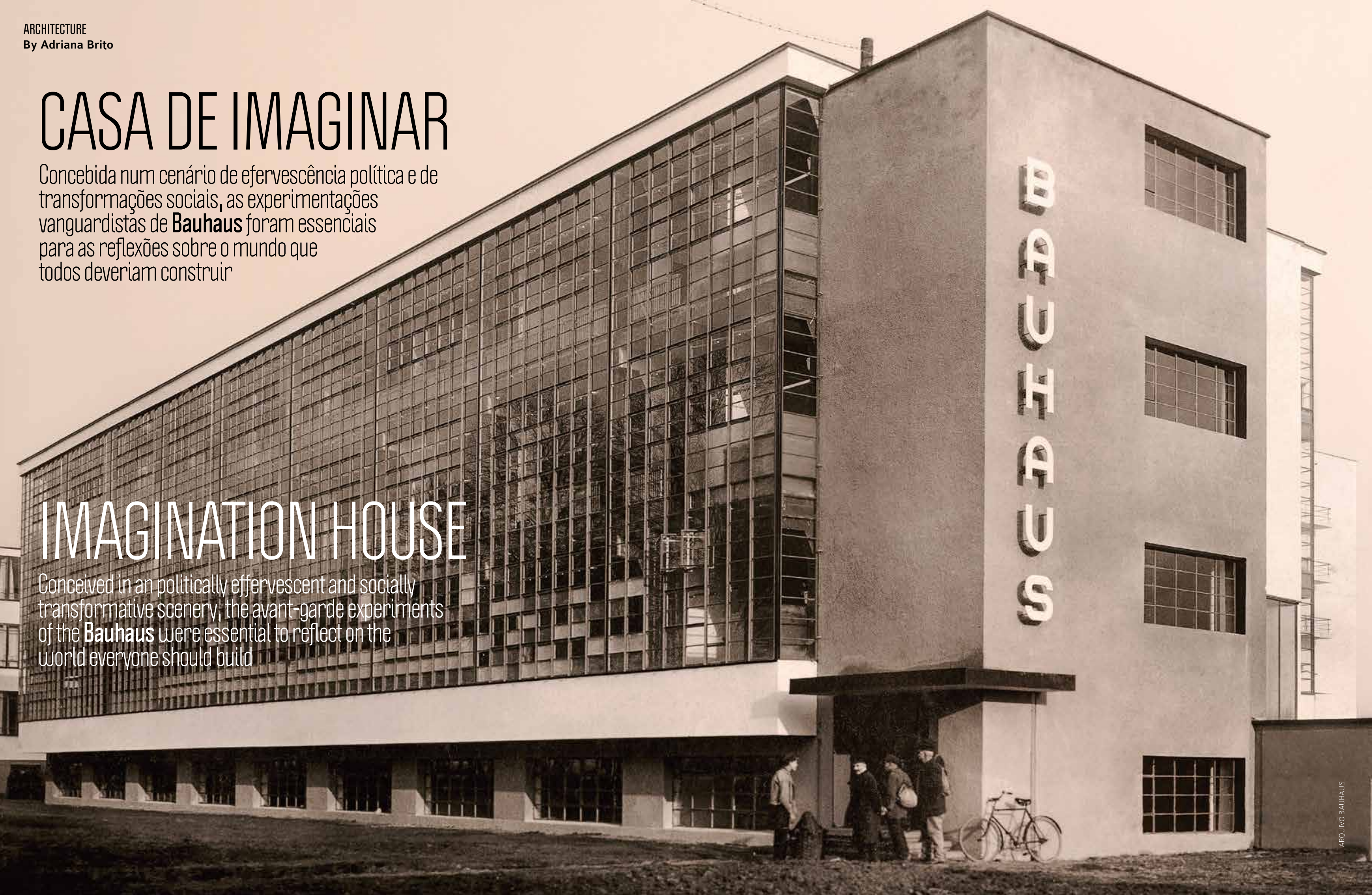
FOTOS DIVULGAÇÃO

CASA DE IMAGINAR

Concebida num cenário de efervescência política e de transformações sociais, as experimentações vanguardistas de **Bauhaus** foram essenciais para as reflexões sobre o mundo que todos deveriam construir

IMAGINATION HOUSE

Conceived in an politically effervescent and socially transformative scenery, the avant-garde experiments of the **Bauhaus** were essential to reflect on the world everyone should build





MARKUS HAWLIK / ARQUIVO BAUHAUS

Na página anterior, edifício Bauhaus em Dessau, obra de Walter Gropius. À esquerda, lobby do prédio. À direita, abertura do filme sobre os 100 anos de Bauhaus (Bauhaus Spirit). Na página seguinte, sinagoga de Tel Aviv, Israel, exhibe arquitetura de Bauhaus

On the previous page, Bauhaus building in Dessau, by Walter Gropius. To the left, the building's lobby. To the right, opening of the movie about the 100 years of the Bauhaus (Bauhaus Spirit). On the following page, the Tel Aviv sinagog, in Israel, exhibits Bauhaus' architecture



No ano de seu centenário, Bauhaus mantém-se conceito, criatividade e inovação. Entre as comemorações organizadas por toda a Alemanha, destacam-se aquelas realizadas nas cidades que serviram de casa para uma das escolas de arquitetura e de artes aplicadas mais prestigiadas do mundo.

Em Weimar, no leste do país, onde aconteceram as primeiras aulas sob o comando do diretor da instituição, o arquiteto berlinense Walter Gropius, foi inaugurado o Bauhaus-Museum Weimar, um cubo de cinco andares assinado pela professora Heike Hanada, cuja fachada monolítica é cortada por 24 tiras horizontais de LED que iluminam o edifício à noite. O objetivo do projeto orçado em 22,6 milhões de euros, explica a fundação Klassik Stiftung, está em resgatar as ideias defendidas na época, apresentadas agora no prédio de traços minimalistas e nas coleções que guardam artigos desenvolvidos pelos alunos, vistos na área expositiva de dois mil metros quadrados.

Outras mostras que acontecem no local abordam os fatos que precederam o estabelecimento dela — e que foram fundamentais para a construção de sua estrutura pedagógica. Destino escolhido por intelectuais e artistas, a exemplo do filósofo e dramaturgo Johann Wolfgang von Goethe e do poeta Friedrich Schiller — ambos representantes do movimento Sturm und Drang, que se opunha à influência francesa sobre a literatura germânica do final do século 18 —, a República de Weimar, como passou

a ser chamada no ano seguinte após a Primeira Guerra Mundial, ocorrida entre 1914 e 1918, recebeu a assembleia constituinte que discutiria o texto de uma nova Constituição. Derrotada no conflito, a Alemanha vinha atendendo também os termos descritos no Tratado de Versalhes, que incluía a cessão de algumas de suas colônias e o pagamento de indenizações robustas às nações vencedoras.

Mesmo com o comprometimento das finanças, o governo buscava soluções para lidar com a insatisfação dos artistas e dos artesãos ligados a ofícios diversos, da carpintaria à tecelagem, temerosos do processo de industrialização que tomava o continente desde a segunda metade do século 19. Enquanto o crítico John Ruskin e o designer têxtil William Morris combateram a produção em massa em detrimento do “fazer manual” na Inglaterra, por meio do coletivo Arts and Crafts, responsável pela criação de dezenas de ateliês, Walter Gropius fez história ao apresentar as premissas de Bauhaus para os cidadãos da República de Weimar, naquele movimentado ano de 1919. É verdade que muito do modelo de Morris já vinha sendo implantado em terras teutônicas a partir da liga Deutscher Werkbund, ou Federação Alemã dos Ofícios, que propunha o diálogo entre arte, artesanato e indústria. Por sinal, o designer Peter Behrens, um dos fundadores da entidade, teve entre os muitos aprendizes de seu escritório o próprio Gropius, bem como Ludwig Mies van der Rohe e Le Corbusier. Tendo o modernismo como um dos tecidos culturais da proposta, somado

ao frescor democrático que se pretendia levar para a realidade dos estudantes, muitos deles vindos do extremo da guerra, não tardou para que as matrículas fossem feitas às dezenas. Das 150 vagas preenchidas, quase metade foi ocupada por mulheres — nada mais natural, uma vez que a nova constituição garantia a elas o direito ilimitado à educação. Durante os seis primeiros anos de atividade, as classes de cerâmica, metal, carpintaria, tecelagem, tipografia, escultura e teatro, entre outras, reuniram profissionais destacados em seu corpo docente, como os pintores Johannes Itten, Paul Klee e Wassily Kandinsky, a artista têxtil Gunta Stölzl e o designer de móveis Marcel Breuer. Mantida com dinheiro público, a academia teve os recursos diminuídos por divergências políticas, sobretudo com grupos conservadores, levando a marca a mudar-se para Dessau, mais ao centro do país.

Com direito a sede assinada por Gropius e casas desenhadas para os mestres seguindo os conceitos racionalistas da escola, além do apoio econômico costurado com a indústria local, Bauhaus atingiu o ápice de sua influência. Ali foram feitas as mudanças que inseriram aulas de engenharia e de gestão de negócios, por exemplo, e que valorizaram a elaboração de produtos. Três anos depois, em 1928, o diretor deixou a administração da entidade, mais uma vez por conflitos políticos, e indicou o arquiteto suíço Hannes Meyer, que ficou conhecido pelos apartamentos funcionais idealizados para o “cidadão comum”.

Comunista, Meyer foi dispensado na virada da década e deu lugar para o também arquiteto Mies van der Rohe, que reduziu aos poucos o papel das oficinas e trouxe o foco para o fazer construtivo e para o planejamento urbano. Em 1932, porém, os nacionais-socialistas que ascenderam ao conselho do município votaram pelo fechamento de Bauhaus. Em um último esforço, Rohe lutou para seguir com as aulas em Berlim, capital alemã, nas instalações de uma antiga fábrica de telefones, mas foi perseguido por outros membros do grupo ideológico de Dessau e teve que fechar as portas definitivamente em agosto de 1933.

A influência do instituto continuou através dos mais de 1.250 tutores, alunos e colaboradores que passaram por lá, muitos deles vindos de cerca de 30 países, onde ainda hoje é possível observar as linhas arquitetônicas desenvolvidas pelo notável grupo. Para o segundo semestre do ano do centenário, vale dizer, o novíssimo Bauhaus Museum Dessau, projetado pelo escritório espanhol Addenda Architects, resgatará as memórias daquele período, tal qual o de Weimar. Ao custo de 28 milhões de euros, o bloco de aço coberto por uma caixa de vidro terá área total de 3.500 metros quadrados e ambiente expositivo de 2.100 metros quadrados. Construir, imaginar, pensar o mundo, incluir as pessoas... Nada melhor para traduzir a essência de uma das propostas acadêmicas mais frutíferas da humanidade. **klassik-stiftung.de; bauhaus-dessau.de; bauhaus.de; bauhaus100.com**



DIDEROT / MIDO / WIKIMEDIA

Simmons Hall, em Cambridge

Simmons Hall, in Cambridge

In its hundredth anniversary, the Bauhaus is still concept, creativity and innovation. Among the celebrations organized throughout Germany, stand out those in cities that served as home to one of the most prestigious schools of architecture and applied arts of the world. In Weimar, in the Eastern part of the country, where the first lessons under the command of the headmaster of the institute, the Berliner architect Walter Gropius took place, was inaugurated the Bauhaus-Museum Weimar, a five-story cube signed by professor Heike Hanada whose monolithic façade is cut by 24 horizontal LED stripes that illuminate the building at night. The goal of the project estimated at 22,6 million euro is, according to the Klassik Stiftung foundation, to rescue the ideas defended back then, presented now in the minimalistic building and in the collections that keep pieces developed by the students that can be seen in the two thousand meters squared area. Other exhibitions happening there address the facts that preceded its setting – and that were fundamental for the construction of its pedagogical structure. Destination of intellectuals and artists, like the philosopher and play-writer Johan Wolfgang von Goethe and the poet Friedrich Schiller – both representatives of the Sturm und Drang movement, that was opposed to the French influence over German literature at the end of the 18th century –, the Republic of Weimar, as it was called the year after the World

War I, that took place between 1914 and 1918, gathered the Constituent Assembly that would discuss the text of a new Constitution. Defeated in the war, Germany also needed to tend to the terms described on the Treaty of Versailles, that included the cession of some of its colonies and the payment of robust compensations to the victorious nations. Even with their finances compromised, the government looked for solutions to deal with the frustration of artists and craftsmen of various kinds, from carpenters to weavers, afraid of the industrialization process that took over the continent since the second half of the 19th century. While the critic John Ruskin and the textile designer William Morris fought the mass production to the detriment of the “manual making” in England, through the Arts and Crafts collective, responsible for the creation of dozens of ateliers, Walter Gropius made history by presenting the Bauhaus ideas to the citizens of the Republic of Weimar, in the busy year of 1919. It is true that Morris’ model was being introduced to teutonic lands by the Detscher Werkbund league, or German Federation of Crafts, that proposed dialogue between arts, crafts and the industry. Incidentally, the designer Peter Behrens, one of the founders of the entity, had among the many apprentices of his office Gropius himself, as well as Ludvig Mies van der Rohe and Le Corbusier. Being modernism one of the cultural backdrops of the proposal, added to the



ARQUIVO BAUHAUS

Quatro estudantes da Bauhaus em círculo: Robert Lenz (no centro, acima), Hin Bredendieck (à direita), Lony Neumann e Hermann Gautel

Four Bauhaus’ students in a circle: Robert Lenz (center, above), Hin Bredendieck (to the right), Lony Neumann and Hermann Gautel

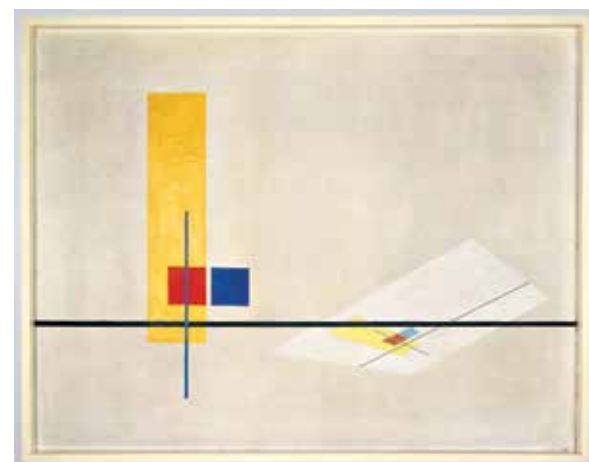
democratic freshness that they intended to bring to the lives of the students, many of them coming from the extremities of war, it wasn’t long until the registrations were made by the dozens. From the 150 spots, almost half were filled by women – nothing more natural, since the new Constitution guaranteed them the unlimited right to an education. During the first six years of activity, the ceramics, metal, carpentry weaving, typography, sculpture and theater classes, among others, reunited established professionals in its teaching staff, such as the painters Johannes Itten, Paul Klee and Wassily Kandinsky, the textile artist Gunta Stölzl and the furniture designer Marcel Breuer. Kept with public funding, the academy had its resources diminished on account of political disagreements, mostly with conservative groups, making the brand move to Dessau, in the central region of the country. With the main building signed by Gropius and houses for the masters drawn according to rationalistic concepts of the school, besides the economic support agreed with the local industry, the Bauhaus reached the peak of its influence. There were made the changes that included engineering and business management classes, for example, and that valued the making of products. Three years later, in 1928, the principal left the administration of the entity, once more on account of political conflict, and suggested the Swiss architect Hannes Meyer, that became known by the functional apartment though of for the “common citizen”.

A communist, Meyer was dismissed on the turn of the decade and gave place to the also architect Mies van der Rohe, that reduced little by little the role of the workshops and brought the focus to the constructive making and urban planing. In 1932, however, the national-socialists that rose to the municipal house voted for the closing of the Bauhaus. In a last effort, Rohe fought to go on with the classes in Berlin, the German capital, in the installations of an old phone factory, but was persecuted by other members of the ideological group from Dessau and had to definitely shut their doors in August of 1933. The influence of the institute lasted through the over 1.250 tutors, students and collaborators that went through there, many of them coming from about 30 countries, where it is still possible today to see the architectural lines developed by the notable group. For the second half of its hundredth anniversary, it is worth saying that the brand new Bauhaus Museum Dessau, designed by the Spanish Addenda Architects, will rescue the memories of that period, much like was done in Weimar. At the cost of 28 million euro, the steel block covered by a glass box will have a total area of 3.500 meters squared and an exhibition space of 2.100 meters squared. To build, to imagine, to think the world, to include people... Nothing better to translate the essence of one of the most fruitful academic proposals of mankind. **klassik-stiftung.de; bauhaus-dessau.de; bauhaus.de; bauhaus100.com**



No alto da página, à esquerda, tentativa de esquema de cores. Na sequência, foto de intervenção em Bauhaus. Mais abaixo, construção de László Moholy-Nagy (1922) e torres gêmeas by Bertrand Goldberg, em Chicago. Na página à direita, The Metropolitan Museum of Art, the Frick Collection (NY)

On the top of the page, to the left, a try-out of a color scheme. Following, a photo of an intervention at Bauhaus. Lower, the construction of László Moholy-Nagy (1922) and twin towers, by Bertrand Goldberg, in Chicago. On the right page, the Metropolitan Museum of Art, the Frick Collection (NY)



FOTOS ARQUIVO BAUHAUS



DIVULGACIÓ GRÉFFENDOR

HORA DE FAZER A DIFERENÇA

Boyan Slat teve o start aos 19 anos
e desde então trabalha para
consolidar a sua ação em prol de um
mundo melhor

TIME TO MAKE A DIFFERENCE

Boyan Slat had his start at 19 and
since then works to solidify his
action for a better world





RESPONSABILIDADE GERAL

- Durante a expedição do norte-americano Victor Vescovo à Fossa das Marianas, em abril de 2019, ele registrou imagens de embalagens de doces e saco plástico a quase 11 quilômetros de profundidade.
- De acordo com um estudo realizado pela Universidade de Queensland, na Austrália, a contaminação dos oceanos, principalmente por plásticos, é responsável pela morte de cerca de 100 mil animais todos os anos.
- Cerca de 700 espécies marinhas são afetadas pela poluição plástica nos mares, incluindo mais de 260 espécies sob algum grau de ameaça de extinção.



FOTOS: DIVULGAÇÃO



GENERAL RESPONSIBILITY

- During the expedition of the North-American Victor Vescovo to the Mariana Trench, in April of 2019, he registered images of candy wraps and plastic bags at almost 11 kilometers deep.
- According to a study by the University of Queensland, in Australia, the contamination of the oceans, mainly by plastic, is responsible for the deaths of about 100 thousand animals every year.
- Around 700 marine species are affected by the plastic polluting the seas, including over 260 species with a degree of threat of extinction.

Em meio a uma das crises ambientais mais discutidas de todos os tempos, com os termômetros que não param de subir, queimadas e desmatamentos descontrolados e a crescente poluição das águas, Boyan Slat é uma das vozes a serem ouvidas com atenção. Com mais de 374 mil citações no Google — a “Barsa” dos Millennials —, o holandês esbanja ideias criativas no auge de seus 25 anos. Estudante de engenharia aeroespacial, ambientalista, inventor e dono de uma rede de contatos invejável, é dele a patente do método de limpeza de detritos plásticos nos oceanos, chamado de Ocean CleanUp Array, que consiste em um tubo flutuante, do tamanho de um estádio de futebol, que funciona como uma barreira para a retenção do lixo. O jovem apareceu oficialmente para o mundo em 2014, quando protagonizou um debate sobre a morosidade na limpeza dos oceanos durante a TED (conferência que aborda temas como tecnologia,

planejamento, design e inovação). “No ritmo atual, serão necessários 80 mil anos para tirar as mais de cinco trilhões de partículas de plástico dos mares”, disse. Para mudar a realidade, Boyan tirou do papel o projeto da fundação The Ocean Cleanup e abriu frentes para captar 2,2 milhões de dólares — é importante frisar que ele iniciou o projeto aos 18 anos. Embora tenha recebido duras críticas, o garoto não se intimidou e foi a campo aperfeiçoar a técnica ao lado de um time de 80 profissionais, entre cientistas, engenheiros, oceanógrafos e programadores. O resultado até agora é positivo: o implemento foi testado nos últimos doze meses e demonstrou ser eficiente na coleta tanto de fragmentos visíveis como de microplásticos com um milímetro de diâmetro. “Isso quer dizer que em cinco anos poderemos tirar mais de sete mil toneladas de lixo das águas marinhas”, pontua Slat. theoceancleanup.com

Amidst one of the most discussed environmental crises of all time, with thermometers that keep rising, uncontrollable burns and deforestation and the growing pollution of the waters, Boyan Slat is one of the voices to be carefully heard. With over 374 thousand citations on Google—the Encyclopaedia Britannica of Millennials —, the Dutch man squanders creative ideas at the height of his 25 years old. Student of aerospace engineering, environmentalist, inventor and part of an enviable contact network, it is his the patent for the cleaning method of plastic debris in the oceans, the Ocean CleanUp Array, that consists of a floating tube the size of a soccer stadium that works as a barrier for the retention of garbage. The youngling officially appeared to the world in 2014, when he was in a debate over the tardiness of the ocean clean-up during the TED (a conference that approaches themes as technology, planing, design

and innovation). “In the current rhythm, there will be needed 80 thousand years to take the over five trillion particles of plastic from the seas”, he said. To change reality, Boyan took out of the paper the project of The Ocean Cleanup foundation and opened up fronts to capture 2,2 million dollars — it is important to note that he started the project at 18. While he has received hard critiques, the kid wasn’t intimidated and went to field to polish the technique with a team of 80 professionals, among scientists, engineers, oceanographers and programers. The result so far is positive: the implement has been tested over the last twelve months and showed to be efficient collecting both visible fragment and microplastics with a diameter of one millimeter. “This means in five years we can take over seven tons of garbage off marine waters”, punctuates Slat. theoceancleanup.com

FESTIVAL

By Rodrigo Casarin

EXPERIÊNCIA MUSICAL

Unique Music Festival estreia no Brasil com bandas
consagradas na cena internacional

MUSICAL EXPERIENCE

Unique Music Festival is launched in Brazil with long-
standing groups of the international scene



RICARDO TOSCANI

Com descendência jamaicana, Skye Edwards teve uma infância simples na Inglaterra natal. Cresceu com sua mãe escutando country e, mais tarde, levaria a referência para a vida artística, na qual ainda se apoiaria em gêneros como o rock e o hip-hop com pitadas eletrônicas para construir uma trajetória bem-sucedida tanto na carreira solo quanto com seus parceiros do Morcheeba. Talentosa, de voz marcante, não é por acaso que ela dá nome ao rooftop do hotel Unique, ícone paulistano projetado pelo arquiteto Ruy Ohtake. Também não é à toa que o Morcheeba de Skye Edwards fez check-in no Unique Music Festival, que aconteceu nos dias 24 e 25 de outubro. Banda que nasceu em 1995, e no ano passado lançou o décimo álbum, Blaze Away, o Morcheeba se encarregou de abrir a primeira noite de festa, que ainda contou com o Tender, dupla também britânica que faz um som em sintonia com a vertente contemporânea da música eletrônica. Já na noite do dia 25, os nova-iorquinos da City of the Sun, banda que começou tocando pelas ruas e metrô da Big Apple e alcançou o sucesso misturando influências que vão do gypsy-jazz ao indie rock, embalou o público. Os fãs do hip-hop e do soul curtiram a balada com a apresentação de ninguém menos do que CeeLo Green, jurado do The Voice dos Estados Unidos e responsável por hits como “Crazy” e “Forget You”. Com a ideia de reunir grandes nomes da cena contemporânea, o projeto Unique Music Festival reflete a alegria, a energia e a vibração do hotel.

Descending from Jamaicans, Skye Edwards had a simple childhood in her English hometown. She grew up with her mom listening to country music and, later, would take that reference to her artistic life, in which she would also stand over genres such as rock and hip-hop with electronic touches to build a successful trajectory both on her solo career as with her Morcheeba partners. Talented, with a striking voice, it is not without reason that the rooftop of Unique hotel is named after her, it is a style icon in São Paulo designed by architect Ruy Ohtake. It is also for a reason that Skye Edwards’ Morcheeba checked-in at Unique Music Festival, that took place on October 24 and 25. The band born in 1995 that launched their tenth album, Blaze Away, last year, Morcheeba was in charge of opening the first night of the party, that also had Tender, an also Britannic duo that makes a sound in sync with the contemporary turn of electronic music, on stage. On the night of the 25th, the New-Yorkers from City of the Sun, a band that began playing in the streets and subways of the Big Apple and reached success mixing influences from gypsy-jazz to indie rock, rocked the crowds. Fans of hip-hop and soul enjoyed the party with a presentation from none less than CeeLo Green, The Voice US judge and responsible for hits like “Crazy” and “Forget You”. With the idea to gather big names from the contemporary scene, the Unique Music Festival project reflects the joy, the energy and the vibe of the hotel.



RICARDO TOSCANI

MORCHEEBA

O Morcheeba animou os fãs quando, depois de um hiato considerável, anunciou que sairia novamente em turnê — giro que, inclusive, possibilitou a vinda da banda ao Unique Music Festival. De voz precisa, suave e instigante, Skye Edwards é figura central na história do grupo. Suas idas e vindas — estava ao lado dos irmãos Paul e Ross Godfrey na fundação do conjunto, em meados da década de 1990, depois se lançou em carreira solo e, no começo desta década, voltou a dividir o palco com os antigos companheiros — ajudam a pontuar a história do próprio conjunto. Com um som eletrônico que mistura influências como o rock, o folk, o soul e o hip-hop, o Morcheeba tem dez álbuns no currículo, sendo nove deles gravados em estúdio. O mais recente, “Blaze Away”, é de 2018. Dentre os grandes sucessos, vale destacar músicas como “The Sea”, “Blood Like Lemonade”, “Rome wasn’t Built in a Day”, “Part of the Process” e “Moog Island”. morceeba.uk

O primeiro álbum de vocês, “Who Can You Trust?”, é de 1996. Quais as maiores diferenças de se fazer música naquele tempo e se fazer música hoje?

O modo de compor ainda é muito parecido e nossas influências e anseios não mudaram muito. Agora estamos mais confiantes de nossas habilidades e a tecnologia mudou o processo de produção. O computador está muito mais presente na hora das gravações, embora ainda toquemos a imensa maioria das partes de cada música em nossos antigos instrumentos. Sinto falta daqueles tempos dos toca-fitas, usá-los parecia ser algo divertido e era preciso estar mais atentos com nossos ouvidos.

Atualizando a pergunta que dá título ao primeiro álbum: hoje, em quem você confia?

Se você já ouviu o ditado “siga os seus instintos” ou “confie em seus instintos”, sabe o que isso quer dizer: ouça a voz interior. É o conselho que sigo para responder a pergunta: confio em mim e nos meus pressentimentos.

Como vocês têm encarado a recepção de “Blaze Away”, o álbum mais recente?

Tem sido fantástico. Tocamos pelo mundo todo e os fãs estão sendo muito gentis conosco. Ficamos felizes com isso.

Algumas pessoas já passaram pelo microfone da Morcheeba. Em “Dive Deep”, inclusive, músicos convidados se alternaram no vocal. Como isso impactou na trajetória da banda?

Tivemos muitos vocalistas convidados ao longo dos anos, principalmente rappers, para acrescentar uma pegada das ruas às músicas. No Blaze Away temos o Roots Manuva como convidado, além de uma faixa em francês com o Benjamin Biolay.

E, mesmo com essas experiências, o que a Skye Edwards tem que nenhum outro vocalista consegue ter?

Acredito que a Skye sempre será apontada como a voz do Morcheeba e como coautora da maioria dos nossos clássicos. Ela tem uma voz fantástica e é cheia de estilo.

O som de vocês é marcado por múltiplas influências. Há algum ritmo que ainda não exploraram, mas gostariam de experimentar?

Estamos sempre experimentando coisas novas, mas tudo o que fazemos sempre soa como Morcheeba. No momento, ando muito interessado em Gnaoua, um ritmo do Marrocos, é bem pesado, hipnotizante.

Vocês têm uma música chamada São Paulo. Como ela surgiu?

Estivemos em São Paulo nos anos 1990, mas a gravadora nos manteve trancados num quarto de hotel concedendo entrevistas, e tudo o que queríamos era ir às ruas, ouvir música, beber uns drinques. Ficamos tristes de fazer uma longa viagem e não conhecer nada da cidade, então escrevemos uma canção sobre isso. Voltamos muitas vezes desde então e tivemos ótimas experiências. Amamos a cidade, sua música, sua cultura, por isso é ótimo estar de volta.

Morcheeba got its fans excited when, after a considerable hiatus, they announced that they’d go back on tour — which, by the way, made it possible for the band to come to Unique Music Festival. With a precise, soft and intriguing voice, Skye Edwards is the center piece of the group’s history. Their comings and goings — she was next to her brothers Paul and Ross Godfrey for the foundation of the band in the mid 1990s, then launched herself in a solo career and, in the beginning of this decade, got back on stage with the former companions — help to punctuate the story of the band itself.

With an electronic sound that gathers in influences from rock, folk, soul and hip-hop, Morcheeba has ten records under their belt, nine of them studio albums. The most recent, “Blaze Away”, is from 2018. Among their big hits, songs like “The Sea”, “Blood Like Lemonade”, “Rome wasn’t Built in a Day”, “Part of the Process” and “Moog Island” stand out. morceeba.uk

Your first album, “Who Can You Trust?”, is from 1996. Which are the biggest differences from making music back then and making music today?

Composing is still very much alike and our influences and drives haven’t changed much. Now we are more confident in our skills and the technology changed the production process. The computer is much more present while recording, even though we play most of the parts of each song in our own instruments. I miss the music tape days, using them seemed fun and it was needed much more attention in our ears.

Updating the question that titles your first album: today, who do you trust?

If you ever heard the saying “listen to your instincts” or “trust your instincts”, you know what that means: listen to the voice inside. It is the advice I follow to answer the question: I trust myself and my feelings.

How have you been reacting to the reception of “Blaze Away”, the more recent album?

It has been fantastic. We played all over the world and the fans are being very nice to us. We are happy with that.

Some people have taken over the mic of Morcheeba. In “Dive Deep”, also, guest singers alternated on the vocal. How did that impact the trajectory of the band?

We had many guest vocalists invited along the years, specially rappers, to bring the streets to the songs. In Blaze Away we have Roots Manuva as a guest, and also a track in French with Benjamin Biolay.

And, even with those experiences, what does Skye Edwards have that no other singer does?

I believe Skye will always be known as the voice of Morcheeba and as co-writer of most of our classics. She has a fantastic voice and is full of style.

Your sound is etched by a myriad of influences. Is there any rhythm that your haven’t tried, but would like to explore?

We are always experimenting new things, but all we do always sound like Morcheeba. At the moment, I am very interested in Gnaoua, a Moroccan rhythm, it’s very heavy, hypnotizing.

You have a song named São Paulo. How did it came to be?

We were in São Paulo in the 1990s, but the label kept us locked in a hotel room giving out interviews, and all we wanted was to go to the street, listen to music, try some drinks. We were sad to make such a long trip and not know anything of the city, so we wrote a song about it. We were back many times since then and had great experiences. We love the city, its music, its culture, that’s why it’s great to be back.

TENDER

O Morcheeba foi fundado em 1996 e ao longo de duas décadas, conforme apontou Ross, viu as influências e anseios manterem-se quase que intactos, enquanto a tecnologia avançou imensamente na hora de realizar as gravações. Já a história do Tender é outra. A dupla nasceu em 2015, num mundo completamente digital e conectado. De certa forma, o som que fazem reflete muito dessa realidade, o que apenas aumenta o contraste de se ouvir, por exemplo, a Orquestra Sinfônica de Bucareste tocando uma de suas músicas.

Outra diferença significativa dos novos tempos: se outrora o sonho de muitos artistas era compor a trilha sonora ou ao menos emplacar alguma música em grandes produções do cinema, de preferência feitas em Hollywood, agora o audiovisual possui outras frentes também capazes de fazer brilhar os olhos. Ou alguém dirá que não é uma grande coisa o Tender já ter deixado sua marca em produções da Netflix como o longa “Para Todos Garotos que já Amei”, que, em certo momento, é embalado pelo single “Nadir”? tenderofficial.com

Para quem não os conhece, como a música do Tender pode ser definida?

É uma música suave, feita para o tardar da noite, para as luzes tênues.

Algumas músicas de vocês já serviram de trilha para séries da Netflix. Emplacar uma música numa série hoje tem o mesmo peso que emplacar uma música no cinema tinha há alguns anos?
Provavelmente já não é a mesma coisa, mas ainda há alguma relevância. É sempre bom ver como as pessoas encaixam suas músicas às narrativas.

Há quem aponte que vocês trouxeram inteligência, charme e certo tempero para a música eletrônica. É isso mesmo?

Sim, isso está 100% correto. Gostaria de conhecer essas pessoas, embora elas esqueçam de mencionar quão humilde nós somos!

A Orquestra Sinfônica de Bucareste já tocou uma de suas músicas. Qual foi a sensação quando souberam?

Nós vimos isso no Instagram, alguns dias depois que eles nos tocaram. Foi surreal! Realmente gostaríamos de ter presenciado isso.

Misturar o som que fazem com a música clássica pode render um álbum especial, de repente?

Eu adoraria ouvir mais versões, mas deixo isso para outras pessoas criarem. É melhor nos mantermos no que somos bons antes de amolecer os fãs com algo autoindulgente. Vamos guardar isso para o quarto álbum.

O que vocês consideram um grande show? Quais as apresentações mais marcantes que já fizeram?

Em geral, quando conseguimos ouvir o público cantando conosco, bem como as pessoas se movendo lentamente por conta da música. Nosso show mais marcante foi na Cidade do México, onde encontramos o público mais barulhento e animado para o qual já tocamos. Foi realmente divertido.

Tender surgiu em 2015, já num mundo completamente digital. Qual é o papel das redes sociais no trabalho de vocês?

Nós gostamos muito de nos conectar com os fãs, conversar com eles, sempre que possível. É bom mostrar aos fãs um pouco do que há por trás da cortina.

Conseguem vislumbrar como teria sido a carreira até aqui sem a possibilidade de distribuir música pela internet?

Claro. Tivemos bandas antes. Tocávamos para 20 pessoas numa sala com péssimo som em algum canto do Reino Unido em troca de cerveja e água. Tivemos a sorte de estarmos próximos no momento certo. Agora pequenos grupos de pessoas curtem nossas músicas em todo o mundo.

Morcheeba was founded in 1996 and along two decades, as Ross pointed out, it saw its influences and aspirations been kept almost intact, while technology advanced hugely for recording music. Tender is a different story. The duo was born in 2015, in a completely digital and connected world. In a way, the sound they make reflects a lot of this reality, which only increases the contrast of listening to, for example, the Symphonic Orchestra of Bucharest playing one of their songs.

Another meaningful difference of current times: if back then the dream of many artists was to write the soundtrack or at least get one of their songs in one blockbuster, preferably Hollywoodian, now audiovisual has other ends capable of being aspirational. Or would anyone say it is not a big deal for Tender to have left its mark in Netflix productions such as “For All the Boys I’ve Loved Before” that, at a certain point, plays the single “Nadir”? tenderofficial.com

For those who don’t know you, how can Tender’s music be defined?

They are soft tunes, made for late nights and faint lights.

Some of your songs have already been part of the soundtrack of Netflix’ series. To get a song in a series today is as important as getting a song in a movie a few years back?

It probably isn’t the same, but it’s still relevant. It is always nice to see how people fit your music to the narratives.

There are those who point out you brought intelligence, charm and some spice to electronic music. Is that it?

Yes, that is 100% right. I’d like to meet these people, even though they forget to mention how humble we are!

The Bucharest Symphonic Orchestra has already played some of your songs. What was the sensation finding that out?

We saw it on Instagram a few days after they’ve played us. It was surreal! We’d really would’ve liked to be there for it.

Mixing the sound you make and classical music may produce a special album per chance?

I’d love to listen to more versions, but I’ll leave that for other people to create. It is better to keep up what we are good at before sooting out the fans with something self-indulgent. We’ll keep that for the forth album.

What do you consider a great show? Which striking performances have you made?

In general, when we can hear the public singing with us, as well as people slowly moving because of the music. Our most striking performance was in Mexico City, where we found the most noisy and hyped public we ever played for. It was really fun.

Tender came to be in 2015, already in a completely digital world. What’s the role of social media in your work?

We really like to be connected to fans, to talk to them, whenever possible. It is nice to show fans a little of what goes on behind the scene.

Could you imagine how would your career have been without the means of distributing music online?

Sure. We all had other bands before. We played for 20 people in a room with lousy audio somewhere in the UK for beer and water. We were lucky to be next to each other at the right time. Now small groups of people enjoy our work all over the world.





LEONARDO SANG



LEONARDO SANG



LEONARDO SANG



CITY OF THE SUN

O começo da história da City of the Sun é para lá de inspirador. Com um parceiro, John Pita rodava por Nova York se apresentando onde houvesse público para lhes dar atenção — e, quem sabe, algum trocado. Como tantos outros artistas que encontramos pelas ruas das grandes cidades, apresentavam-se no metrô, em praças, em esquinas movimentadas... Em pouco tempo o parceiro procurou outra coisa para fazer da vida, mas John persistiu. Logo ganhou dois novos companheiros: Avi Snow e Zach Para.

O trio transformou a City of the Sun não apenas num exemplo àqueles que estão batalhando por seu espaço, mas num grupo que coleciona números retumbantes de audiência. No Spotify, por exemplo, “Perfect Instance”, de Untitled — EP, já foi executada mais de 22 milhões de vezes, enquanto “Everything”, do álbum To the Sun and All the Cities in Between, de 2016, beira as 18 milhões de audições. Um sonho para quem começou torcendo para que algum transeunte simplesmente quisesse lhe ouvir. wearecityofthesun.com

Vocês começaram tocando nas ruas e metrô de Nova York, mas hoje fazem shows pelo mundo. Como foi essa mudança?

Foi algo orgânico, com pessoas que nos viam em apresentações nas ruas comparecendo depois aos shows oficiais. Em outro momento, fomos convidados para voar até o Panamá depois que nos viram em uma apresentação do TED Talk (oportunidade que só surgiu por conta do trabalho que tínhamos feito nas ruas). Lá fizemos um vídeo tocando na floresta e começamos a conquistar fãs em todo o mundo.

Qual mensagem podem deixar para artistas que tocam em lugares públicos como os que vocês tocavam?

Toquem sempre como se vocês estivessem tocando em um grande show. Coloque toda a energia naquilo que estão fazendo. Não se intimidem.

Sentem falta de algo daquela época em que vocês tocavam pelas ruas de Nova York?

Quando começamos, era muito emocionante tocar em lugares públicos e notar como as pessoas começavam a se reunir para nos ver.

A City of the Sun se define como uma banda experimental. Quais as principais preocupações musicais de artistas que integram uma banda experimental?

É preciso estar disposto a tocar músicas com estruturas diferentes e pensar fora da caixa.

Há algum tipo de pressão para que estejam sempre inovando?

Acredito que o que fazemos é bastante natural. Particularmente, não sinto essa pressão.

Como percebem a aceitação das músicas instrumentais por parte do público?

Creio que normalmente é vista como uma música ambiente, relaxante. Com nossas apresentações animadas, estamos tentando mudar essa percepção.

Vocês estiveram no Brasil há dois anos. Quais as principais lembranças do país?

Ficar no hotel Unique foi uma grande experiência. Amamos a vibe e a comida do lugar. Também almoçamos em alguns restaurantes fora do hotel que eram realmente bons.

O que esperar de um show de vocês?

Novidades! Nós temos um monte de novas músicas que mal podemos esperar para tocar!

The beginning of the story of City of the Sun is super inspiring. With a partner, John Pita went around New York giving concerts wherever there was public to give them attention — and, who knows, some change. Like so many other artists we can find on big city’s streets, they played in the subway, at squares, in busy corners... In a little while the partner looked for something else to do in life, but John persisted. He soon found two new companions: Avi Snow e Zach Para. The trio made of City of the Sun not only an example for those battling for their own space, but into a group that collects astounding audience. On Spotify, for example, “Perfect Instance”, from Untitled - EP, has already been played over 22 million times, while “Everything”, from the album To the Sun and All the Cities in Between, de 2016, is almost at 16 million listenings. A dream for who started rooting that any passerby would simply want to listen to them. wearecityofthesun.com

You started playing in the streets and subways of New York, but today play at concerts around the world. How was that change?

It was something organic, with people who saw us playing in the streets coming then to official concerts. In another moment, we were invited to fly to Panama after they heard us in a TED Talk (an opportunity that only arose on account of the work we did in the streets). There we made a video playing in the woods and began to conquer the world.

Which message can you leave for artists that play in public places like yourselves used to?

Always play as if you were playing in a big concert. Put all the energy in that which you are doing. Don’t be intimidated.

Do you miss something of the time you played in the streets of New York?

When we began, it was very exciting to play in public places and see how people gathered to watch us play.

City of the Sun defines itself as an experimental band. What are the main musical concerns of artists part of an experimental band?

It is needed to be willing to play songs with different structures and think outside the box.

Is there some king of pressure to be innovating all the time?

I believe what we do is pretty natural. Personally, I don’t feel that pressure.

How did you perceive the acceptance of the instrumental songs by part of the public?

I believe it is usually seen as ambient sound, relaxing. With our spirited presentations, we are trying to change that perception.

You were in Brazil two years ago. What are the main memories of the country?

Staying at Unique hotel was a huge experience. We loved the vibe and the food of the place. We also had lunch in some restaurants outside of the hotel that were really good.

What to expect of one of your concerts?

New things! We have a lot of new songs we can’t wait to play!



RICARDO TOSCANI



LEONARDO SANG



LEONARDO SANG

CEELO GREEN

"I remember when/ I remember, I remember when I lost my mind... Does that me crazy? Does that me crazy? Does that me crazy? Possibly". Se identificou, é certo que a voz aguda de CeeLo Green entooou em sua mente. Mesmo que não tenha reconhecido a música em inglês, sem dúvidas você já ouviu "Crazy" por aí. Lançada em 2006, no álbum St. Elsewhere, a canção é um retumbante sucesso do imponente músico. Mas CeeLo é muito mais do que "Crazy". Sua carreira começou junto com a década de 1990 na mítica Goodie Mob, uma das referências do hip-hop de Atlanta, capital da Geórgia, berço também de Ray Charles. Se o grupo segue na ativa até hoje, CeeLo abriu uma outra vereda musical para seguir a carreira solo. Extrapolando o rap e mergulhando no funk, no groove e no soul, alcançou multidões e emplacou hits, virou best-seller no comércio de música pela internet, fez ombro com Lady Gaga em brigas pelo topo das paradas e colecionou indicações ao Grammy. Junto a isso tudo, ganhou um lugar na bancada do The Voice dos Estados Unidos, tornando-se um dos artistas a virarem ou não a cadeira àqueles cantores que buscam por projeção. Mais tarde, apoiou-se em tudo o que aprendeu para se tornar conselheiro dos jurados. ceelogreen.com

Qual é a sua expectativa para essa volta ao Brasil?

Estou muito animado. Penso no Brasil como uma família estendida. E também penso em aventura. É um dos lugares mais bonitos do mundo.

Você esteve no Rock in Rio de 2017. Para um artista, é diferente se apresentar em um festival gigantesco como o Rock in Rio e num festival mais acolhedor, como o Unique Music Festival? Uma apresentação menor acaba sendo mais intimista. No grande festival é difícil distinguir quem são as pessoas que estão lá exclusivamente para te ver — por outro lado, acaba sendo uma boa oportunidade para apresentar o trabalho para novos públicos. Agora, numa apresentação menor tudo parece mais tangível.

Olhando para frente, ainda mais nesse momento conturbado para o mundo, o que você vislumbra para o futuro próximo e qual é o papel que a música pode desempenhar?

Sinto-me esperançoso. Estou com muito trabalho e acredito que o talento é uma espécie de propósito; a música é uma linguagem universal que pode fazer com que as pessoas se entendam, encontrem alguma paz. A música pode unir as pessoas. Acredito que essa é uma razão para a minha própria vida, não só para a carreira. A música é também uma via para que eu expresse o que sinto internamente, tanto em termos emocionais quanto psicológicos. A música nos dá a chance de fazermos a diferença.

Você roda o mundo e, acredito, acompanha a produção de artistas de diversos países. Quais brasileiros tocam na sua caixa de som?

Descubro sons do mundo inteiro graças ao app Shazam! Do Brasil, ouço Seu Jorge, Sérgio Mendes, Ludmilla, Iza... Também gosto de alguns nomes clássicos, como Roberto Carlos.

"I remember when/ I remember, I remember when I lost my mind... Does that me crazy? Does that me crazy? Does that me crazy? Possibly". If you identified it, it is certain that CeeLo Green's high voice resonated on your mind. Even if you haven't recognized the song, you certainly have already heard "Crazy" around. Launched in 2006, in the St. Elsewhere album, the song is an astounding success of the majestic musician.

But CeeLo is much more than "Crazy". His career began along with the 1990s at the legendary Goodie Mob, one of the hip-hop references of Atlanta, Georgia, Ray Charles' hometown. If the group is active to this day, CeeLo opened another musical path to follow a solo career. Going beyond rap and diving into funk, groove and soul, he reached multitudes and launched hits, became a best-seller in the internet music trade, went neck to neck with Lady Gaga for the top of the parades and collected Grammy nominations. Alongside all that, he got a spot at the panel of the American The Voice, becoming one of the artists that may turn the chair for the singers looking for the spotlight. Afterwards, supported by all he has learned, he became a counselor to the judges. ceelogreen.com

What is your expectations for this going back to Brazil?

I'm very excited. I think of Brazil as an extended family. And I also think of adventure. It is one of the most beautiful places in the world.

You were at the 2017's Rock in Rio. For an artist, is it any different performing in a giant festival such as Rock in Rio and in a more intimate festival, like Unique Music Festival?

A smaller presentation ends up being more intimate. In the big festival it is hard to distinguish who are the people there exclusively for you — on the other hand, it is an opportunity to present your work to new publics. Now, in a smaller presentation, it all seems more tangible.

Looking forward, specially in this turbulent momento for the world, what do you see for the future and what is the role that music can play?

I feel hopeful. I have much work and I believe that talent is a kind of purpose; Music is an universal language and it may make people understand each other, find some peace. Music can unite people. I believe this is one reason for my own life, not only my career. Music is also a means for me to express what I feel inside, both emotionally and psychologically. Music gives us a chance to make a difference.

You go around the world and, I believe, follows the productions of artists from multiple countries. Which Brazilians play in your jukebox?

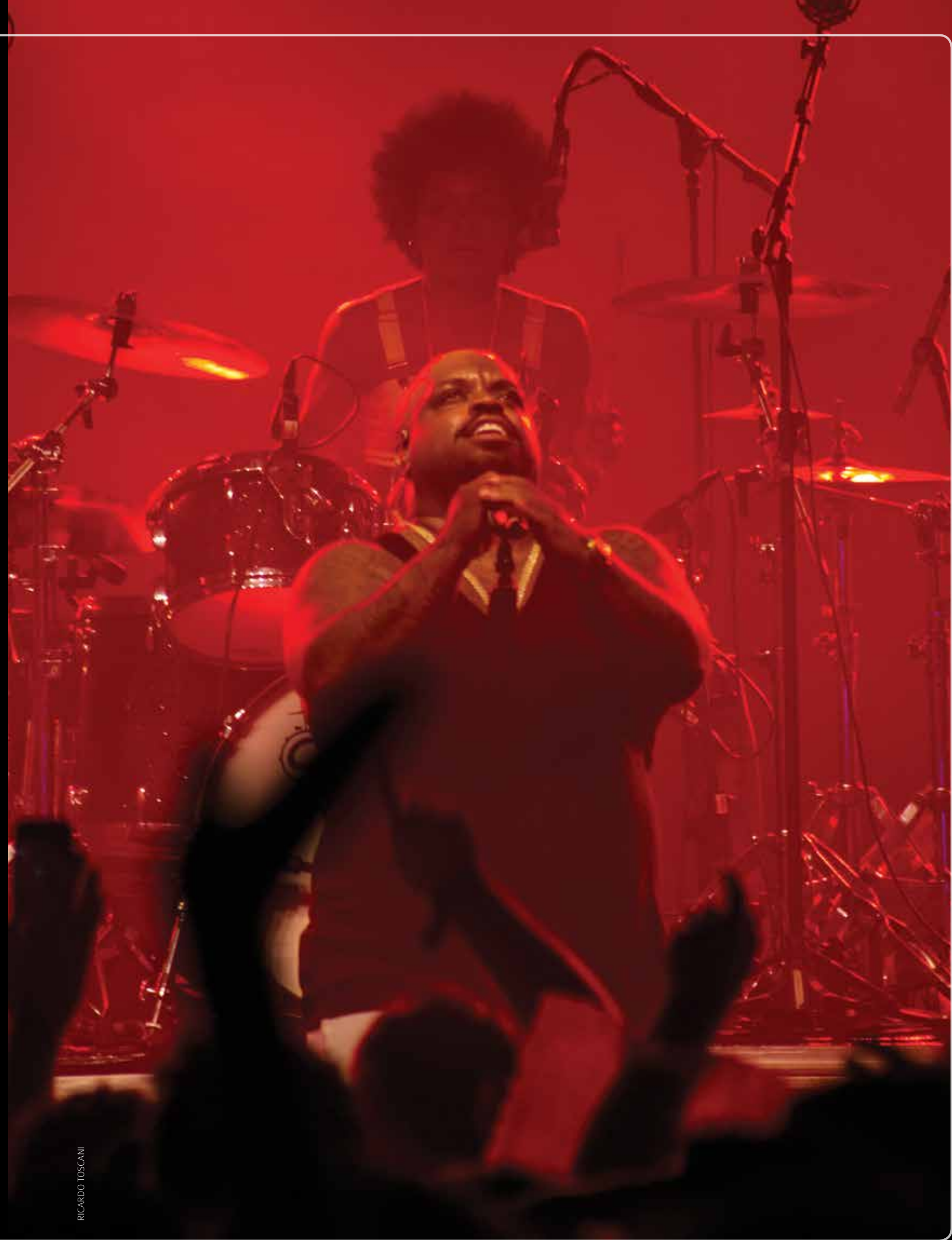
I discover music from all over the world thanks to the app Shazam! From Brazil, I listen to Seu Jorge, Sérgio Mendes, Ludmilla, Iza... I also like some of the classics, like Roberto Carlos.



RICARDO TOSCANI



RICARDO TOSCANI



RICARDO TOSCANI



FOTOS: LEONARDO SANG E RICARDO TOSCANI





FOTOS: RICARDO TOSCANI E LEONARDO SANG



MENU

By Fernanda Meneguetti

O CHEF SUBIU NO TELHADO!

Um dos franceses mais emblemáticos do Brasil, **Emmanuel Bassoileil** brilha no topo do Skye há 18 anos

THE ROOF IS ON FIRE!

One of the most emblematic French chefs of Brazil, **Emmanuel Bassoileil** shines on Skye for 18 years



Quando aquela parede de 1,90 m adentra o salão, algo muda. Ou melhor, tudo parece estar em seu devido lugar. O anfitrião é um maestro, rege um coro de dezenas de funcionários sem esquecer que também é músico e que a harmonia da composição depende dele. Cozinheiro inveterado, Emmanuel Bassoleil segue essa rotina há 18 anos.

Bronzeado, sorridente e ao mesmo tempo sério, o virginiano de Auxonne, cidadezinha a 30 quilômetros de Dijon, na Borgonha, lidera não apenas o Skye Restaurante e Bar, mas toda a gastronomia do Hotel Unique. Ainda em seu apartamento, toma dois copões de vitamina de frutas e parte para assegurar-se de que o café na manhã, tanto no bufê quanto nos quartos, decorreu sem nenhum tipo de percalço.

Então, no subsolo do charmoso hotel, Bassoleil percorre a área de produção. Checa a agenda dos eventos, o processamento dos insumos, o vigor da equipe. Sobe de volta à cozinha do Skye. Inevitavelmente deixa os olhos percorrerem as copas das árvores do Ibirapuera antes de voltar-se à brigada. Ali se sente em casa.

Em São Paulo desde 1986, o francês que já enfrentara cozinhas estreladas, como a de Pierre Troisgros, tornou-se célebre por aqui com o extinto Roanne, nos Jardins. Manteve os olhares focados nos gourmands graças à sua trajetória no Unique: “Instalei um padrão gastronômico que a cidade não tinha. Já estava apaixonado por ela, porque é o que acontece quando um estrangeiro chega ao Brasil, e fiz como sempre na minha vida, deixei a cozinha me guiar”.

A bem dizer, depois de dar volta ao mundo a bordo de um cruzeiro, de conduzir restaurantes diversos e de assinar linhas de produtos, integrar-se à construção de um projeto grandioso tocou o seu coração. “Era um hotel como São Paulo jamais vira: uma arquitetura de embasbacar, um rooftop que até hoje impacta os visitantes e a chance de criar um conceito gastronômico único”, empolga-se o chef. Era mais uma chance de fazer história.

De certa forma, esse ensejo se cristaliza no cardápio do Skye — eclético e original, clássico e ousado, sempre elegante. No topo do oitavo andar do número 4.700 da Avenida Brigadeiro Luís Antônio, Bassoleil serve sushi e pizza, caviar e picadinho, churrasco vegano e cortes carnívoros. E não se acomoda.

Todo ano, ele renova o menu. Trata-se de uma espécie de cirurgia, afinal, é preciso cultivar os habitués, cativar novos comensais e exprimir a própria criatividade. Sua carta sofisticada ataca várias cozinhas num só lugar, com propriedade; apresenta cozinha internacional sem tédio.

Inventivo e aberto às influências brasileiras, Bassoleil não ignora a importância de grelhados e massas no restaurante, mas não se limita à obviedade. Sua formação tradicional faz com que não tema as longas cocções, apesar do volume de trabalho, tampouco cortes menos populares. Não bastasse, atento às tendências culinárias, ele inclui cada vez mais receitas veganas e vegetarianas ao menu. “Há cada vez mais veganos, mais intolerantes a glúten e a lactose. E no mundo todo há uma preocupação em se comer mais legumes e menos carne”, diz.

Além disso, com discrição, o chef inclui referências pessoais. “Minha mulher tem descendência árabe e sempre comemos muito a culinária típica, por isso inclui a kafta de cordeiro com hommus, coalhada seca,

babaganoush e tabule.” Talvez tímido pela confissão, emenda: “Como os músicos fazem depois de uma separação e escrevem uma canção linda, viajo nas inspirações para dar prazer às pessoas, não para mim. Tenho que deixá-las felizes”.

Nesse sentido, os casamentos realizados no hotel mexem especialmente com ele — descobrir uma história de amor, vivenciá-la ao longo de meses, representá-la em receitas, agradar as famílias e tornar-se para sempre parte delas é um dos grandes prazeres da profissão e, de certo modo, poderia confundir-se com o desejo de fazer história também.

“Nunca quis ser como os outros. Existe preconceito em relação aos chefs de hotel, mas a maior prova de que acertei na minha escolha são as dezenas de milhares de refeições que servimos todos os meses e os casamentos que eternizam o nosso trabalho. Não é para qualquer um”, confessa. O volume de tarefas parece de fato não amedrontar. Tanto assim que, mal acabou a primeira temporada de Top Chef Brasil, o francês mantém-se nas telinhas como apresentador, sem se afastar das centenas de painéis do Unique. “Nos últimos 40 anos, fui para onde a cozinha me levou e não tenho do que me queixar. A tevê é só mais um trecho desse caminho”. Um caminho divertido, que ainda tem muito chão pela frente.

DETALHES DE UM CARDÁPIO

Além de implementar um menu degustação, o chef apresenta a carta de 2019

Emmanuel Bassoleil não faz a menor questão de dizer que o menu do Skye é autoral. No entanto, foi ele quem selecionou a louça para cada uma das mais de quarenta receitas. Desenhou, inclusive, um prato para acolher sua pièce de résistance, o robalo no vapor com creme de champanhe e caviar, criado em 1992.

Além disso, mexeu na apresentação do que não poderia extinguir do menu — caso do brasileiro PF e da incontornável salada caprese. Mais, aproveitando as proteínas que já faziam sucesso, deixou a imaginação correr solta.

Este é o caso do novíssimo Polvo Sexy-Spicy, com texturas de tomate, caviar e tuille de carvão. “Nele vejo uma mulher de salto alto e uma meia arrastão preta, no seu entorno tem vermelho porque é sexy, é picante. Tem caviar porque não é vulgar. Ou seja, tem um visual que tem tudo a ver”, justifica. Fica a dica: a provocante criação também pode ser degustada no recém-implementado menu-degustação, o Skye Experience!





FOTOS HELENA DE CASTRO





HELENA DE CASTRO

When that 1.9m wall enters the room, something changes. Better, everything seems on its right place. The host is a maestro that conducts a choir of dozens of employees not forgetting he is also a musician and that the harmony depends on him. A natural cook, Emmanuel Bassoleil is on this routine for 18 years.

Tanned, cheerful and serious at the same time, this virgo from Auxonne, a little city 30 kilometers from Dijon, in Burgundy, leads not only Skye Reastaurant and Bar, but all of Unique's gastronomical services. Still in his apartment, he takes two huge cups of fruit vitamins and goes assure that breakfast, both the buffet and in room service, has gone out without a hitch. Then, in the underground of the charming hotel, Bassoleil goes over the production area. He checks the event schedule, the food processing, the vigor of the team. He goes up again to the Skye kitchen. Inescapably he lets his eyes rest on the leaves of the trees of Park Ibirapuera before going back to work. There he feels at home.

In São Paulo since 1986, this French chef that had been in starred kitchens like the one of Pierre Troisgrois became a celebrity here at the former Roanne, at Jardins. He keeps the gourmands eyes focused thanks to his history at Unique: "I've installed a gastronomical standard the city didn't have. I was already in love with it, which is what happens when a foreigner arrives in Brazil, and I did like I always do in my life, I let the kitchen guide me".

Actually, after going around the world a board a cruise ship, conducting various restaurants and singing product lines, to integrate the construction of a grandiose project touched his heart. "This was a hotel of the likes of which São Paulo had never seen: dazzling architecture, a rooftop that still today impacts visitors and a chance to create a unique gastronomical concept", the chef is thrilled. It was another chance to make history.

In a way, this opportunity is crystalized in Skye's menu – diverse and original, classic and edgy, always classy. On top of the eighth floor of Avenue Brigadeiro Luís Antônio, 4.700, Bassoleil serves from sushi to pizza, from caviar to chopped meat, vegan barbecue and meat cuts. And he doesn't settle.

Every year he remodels the menu. It's a kind of surgery, after all, it is necessary to cultivate the habitués, captivate new guests and express his own creativity. His sophisticated carte hits all cuisines at once, with knowledge; it's international food with excitement.

Inventive and opened to Brazilian influences, Bassoleil doesn't ignore the importance of pasta and grilled meat in the restaurant, but he doesn't limit himself to the obvious. On account of his traditional formation, he is not afraid of long cooking periods, even though there is a lot of work, or of less popular cuts. Also, with an eye opened to cooking trends, he includes every time more vegan and vegetarian recipes to the menu. "There are always more vegans, more lactose and gluten intolerants. And all over the world there is the preoccupation of eating more vegetables and less meat", he says.

Besides, discreetly, the chef includes personal references. "My wife is of Arab descend and we always eat a lot of the typical cuisine, so I included the lamb kafta with hommus, dry curd, babaganoush and taboulé."

Maybe shy on account of the confession, he goes on: "Like the musicians that write a beautiful song after a breakup, I go with the inspiration to give pleasure to people, not to myself. I have to make them happy".

In this sense, the wedding that happen at the hotel specially move him – to find a love story, live it for months, play it out in recipes, please the families and become forever a part of them is one of the great pleasures of the profession and, in a way, could be mixed with the wish of making history as well.

"I never wanted to be like the others. There is a prejudice against hotel chefs, but the biggest proof I got it right on my choice are the dozens of thousands of meals we serve every month and the weddings that eternize our work. It is not for everyone", he confesses.

The volume of work seems in fact not to scare him. So much that the first season of Top Chef has barely ended, the French chef in on the small screen as a host without stepping out of the hundreds of pans of Unique. "On the past 40 years, I went where the kitchen lead me and I have no complaints. TV is only more of this path". A fun path, that still has much ahead of it.

DETAILS OF A MENU

Besides implementing a tasting menu, the chef introduces the 2019 carte

Emmanuel Bassoleil makes no point in saying that Skye's menu is of author. However, it was he who selected the plates for over forty recipes. Drew, also, a plate to house his pièce de résistance, the steamed sea bass with champagne cream and caviar, created in 1992.

Besides, he tweaked with the presentation of what couldn't leave the menu – like the Brazilian PF (Prato Feito, Combination Dish) and the inescapable caprese salad. More, taking the proteins that were already a success, he let the imagination run loose.

This is the case of the brand new Sexy-Spicy Octopus, with tomamo textures, caviar and charcoal tuille. "In it I see a woman in high heels and black fishnet stockings, surrounded by red because it's sexy, it's spicy. It has caviar because it isn't vulgar. I mean, it has a look that has everything to do with it", he justifies. Here's a tip: the provocative creation may also be tasted in the recently implemented tasting menu, the Skye Experience!

DRINQUE CENTENÁRIO

Num mundo cada vez mais efêmero, encontrar lugares longevos é raridade. Fomos à caça e listamos os bares que estão na ativa há séculos

As confraternizações fazem parte da história desde as páginas escritas sobre o Jardim do Éden. Desde então, as reuniões sociais se tornaram importante mecanismo de interação entre as pessoas — da Idade das Cavernas até os dias atuais. Foi no ano de 803, muito antes de a China inventar a pólvora, que o Stiftskeller St. Peter, primeiro bar-restaurante (nos moldes que conhecemos hoje) abriu as portas. Ainda não havia rum nem carteados, mas o espaço ambientado dentro dos muros da Abadia de São Pedro, em Salzburgo, na Áustria, já recebia gente como o Imperador Carlos Magno e Mozart. Para brindar os lugares mais antigos que seguem em funcionamento, traçamos um roteiro imperdível para você aproveitar enquanto é tempo!

STIFTSKELLER ST. PETER

Há mais de 1.200 anos, esse é um dos pontos para conferir de perto a arquitetura medieval austríaca. O primeiro bar que se tem notícia, constatado pelo Guinness Book, também é um dos restaurantes mais celebrados da Europa. O menu ostenta uma estrela Michelin e iguarias que não saíram de moda, caso do Tafelspitz, especialidade que leva carne cozida com maçã, e pode ser harmonizada com um dos rótulos da excelente carta de vinhos. stpeter.at

For over 1,200 years, this is one of the places to see up close the Austrian medieval architecture. Acknowledged as the world’s first bar, recorded by the Guinness Books of Records, it is also one of the most celebrated restaurants in Europe. The menu was awarded a Michelin star and boasts delicacies that never go out of style, like the Tafelspitz, a speciality of roast meat with apple, that can be harmonized with one of the excellent wine options. stpeter.at



SEAN’S BAR

Cravado na margem oeste do rio Shannon, na cidade de Athlone, no Condado de Westmeath, Irlanda, o predinho de traços simples abriga o pub mais experimentado da história. Se a fachada parece uma miscelânea de estilos, o interior foi quase todo preservado, do piso de serragem e paredes de argila à lareira abastecida por lenha. O bar existe desde o ano 900, e ganhou fama graças aos seus copos fartos de cerveja com espuma cremosa, uísque personalizado e Irish coffee. seansbar.ie

Etched on the West margin of the Shannon river, in the city of Athlone, in Westmeath County, Ireland, this simple building houses the most tried pub in history. If the façade looks like a mix of styles, the inside was almost entirely preserved, from the sawdust floor and clay walls to the fireplace fed by lumps of wood. The bar is there since the year 900 and made its name thanks to the abundant pints of creamy foam beer, personalized whisky and Irish coffee. seansbar.ie

CENTENNIAL DRINKS

In a world ever more ephemeral, to find long-standing spots is rarer than ever. We went for it e listed bars opened for centuries

Fraternising is part of history ever since the pages written on the Garden of Eden. Since then, social gatherings have become an important mechanism for interaction of people — from Cave days to current times. It was on the year 803, long before the Chinese invented gunpowder, that Stifskeller St. Peter, the first restaurant-bar (of the likes we know today) opened its doors. There was still no rum or card playing, but the space inside the walls of Saint Peter Abby, in Salzburg, Austria, already welcomed people such as the Emperor Charlemagne and Mozart. To toast to the most ancient spots still running, we traced an imperative itinerary for you to enjoy while there’s time!



THE BINGLEY ARMS

Em 905, os viajantes que faziam check-in na pitoresca aldeia de Bardsey, distrito de Leeds, no norte da Inglaterra, paravam para descansar na estalagem Priests. Lá também havia uma taberna e muito hidromel. Oficialmente, porém, o bar surgiu cinquenta anos mais tarde, quando Samson Ellis fabricou cerveja no local. Em 1780 ele foi rebatizado e passou a ser chamado de Bingley. **bingleyarms.co.uk**

In 905, the travellers that checked-in at the picturesque village of Bardsey, in the Leeds district, north of England, stopped to rest in the Priests Inn. There was also a tavern and plenty of mead. Officially, however, the bar opened fifty years later, when Samson Ellis started brewing at the spot. In 1780 it was renamed and began to be called Bingley. **bingleyarms.co.uk**

YE OLDE TRIP TO JERUSALEM

O letreiro avisa que o bar está em operação desde 1189. Instalada nas fundações do Castle Rock, em Nottingham, a antiga cervejaria foi ponto de encontro dos cavaleiros das cruzadas do rei Ricardo Coração de Leão, que estavam a caminho de Jerusalém. Por sinal, reza a lenda que o próprio monarca tomava as suas doses de conhaque ali. **greeneaking-pubs.co.uk**

The plaque warns you the bar is functioning since 1189. Installed in the foundations of Castle Rock, in Nottingham, the old brewery was a meeting spot for knights on the crusade of Richard the Lionheart, on their way to Jerusalem. By the way, legend says the king himself drank his cognac doses there. **greeneaking-pubs.co.uk**



THE BRAZEN HEAD

Imagina só circular pelo mesmo recinto cultuado pelos escritores Jonathan Swift e James Joyce (que citou o bar em sua obra-prima Ulisses)? Pois essa é uma experiência possível! Em Dublin, na Irlanda, o endereço fundado em 1198 como hospedaria foi convertido em pub em 1750. Décadas mais tarde serviu de base para os organizadores da rebelião irlandesa, movimento que lutou contra o domínio inglês, e nunca mais deixou de atrair a atenção dos insurgentes. Tanto frenesi ideológico quase levou a construção à decadência — detalhe que ironicamente salvou a reputação do bar no pós-guerra civil (1922) e o transformou em cartão-postal. **brazenhead.com**

Just imagine going about in the same place worshipped by writers Jonathan Swift and James Joyce (that mentioned this bar in masterpiece Ulisses)? Well, it is a possible experience! In Dublin, Ireland, the address founded in 1198 as a lodge was converted into a pub in 1750. Decades later it served as a base for the organizers of the Irish Revolution, a movement against the English domain, and was never again forgotten by the insurgents. All that ideological frenzy almost lead the building into decay — a detail that ironically saved the bar's reputation after the civil war (1922) and made it into a postcard location. **brazenhead.com**



Leite

No Brasil, o estabelecimento mais antigo em funcionamento é o restaurante Leite. Inaugurado em 1882, em Recife, o lugar era reduto preferido dos senhores de engenho e dos intelectuais da época, que ajudaram a consagrar a bacalhoadada com toque regional e a sobremesa de banana e queijo fritos sob uma espessa camada de açúcar e canela. Quem também amou a cozinha luso-recifense foi Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir e Orson Welles. **Praça Joaquim Nabuco, 147, Santo Antônio**

In Brazil, the longest-standing establishment is the restaurant Leite (Milk). Inaugurated in 1882, in Recife, the place of a favorite of the mill lords and intellectuals of the time, that helped establishing the regional bacalhoadada (a codfish dish) and the fried banana and cheese with lots of sugar and cinnamon dessert. Who also loved the Portuguese-Recifean cuisine were Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir and Orson Welles. **Praça Joaquim Nabuco, 147, Santo Antônio**

Bar Luiz

Já o boteco-símbolo do País está aberto desde 1887, no Rio de Janeiro. Considerado patrimônio histórico-cultural, o bar ganhou notoriedade por conta do chope fresco, que viaja por uma serpentina de mais de cem metros submersa no gelo, e pelas linguças artesanais. Dos boêmios cariocas aos turistas afoitos por ambientes icônicos, o bar se mantém democrático e descomplicado. **barluiz.com.br**

Also, the most symbolic bar of the country is opened since 1887, in Rio de Janeiro. Considered a historical-cultural patrimony, the bar earned its notoriety on account of the fresh draft beer, that goes through a serpentine of over a hundred meters immersed in ice, and of the artisanal sausages. From the Rio bohemians to tourists eager for iconic spots, the bar keeps itself democratic and uncomplicated. **barluiz.com.br**

TERRA À VISTA

Com projeto inspirado nos parques suspensos de Nova York e Paris, uma nova versão do **Minhocão**, mais verde e conectada ao povo da cidade, já tem data para chegar: novembro de 2020



LAND AHOY!

Inspired by the elevated parks of New York and Paris, a new version of the **Minhocão**, greener and more connected to the people of the city, already has a due date: November, 2020

Em fevereiro de 2019, São Paulo amanheceu mais verde — pelo menos no papel. Depois de quase cinco anos de entraves, a Prefeitura anunciou a implementação do primeiro trecho do Parque Minhocão, uma nova versão para o Elevado Presidente João Goulart.

Com previsão de entrega para novembro de 2020, essa fase cobrirá 900 metros de extensão entre a Praça Roosevelt e o Largo do Arouche. Serão 17,5 mil metros quadrados com jardins, floreiras e deques, além de nove acessos exclusivos. O caminho para carros será desativado aos poucos e o trânsito, redistribuído.

A principal referência para o projeto será uma proposta de Jaime Lerner, ex-prefeito de Curitiba, arquiteto e urbanista conhecido por seus trabalhos modulares na integração dos espaços públicos. O governo prometeu também identificar outras necessidades em diálogos com a população.

O Parque Minhocão se inspira abertamente em conversões como o High Line Park, em Nova York, e a Coulée Verte René-Dumont, em Paris. Ambos transformaram, com sucesso, antigas estruturas ferroviárias em áreas verdes suspensas.

Por aqui, o complexo viário é velho conhecido dos paulistanos e não tem muitos fãs. Em 1976, cinco anos após a inauguração, passou a ser fechado à noite para poupar os moradores da poluição — sonora, inclusive. Eventualmente, esse período se estendeu aos sábados, domingos e feriados, criando um espaço de lazer para os pedestres.

Seus três quilômetros de asfalto se mostraram campo fértil para o

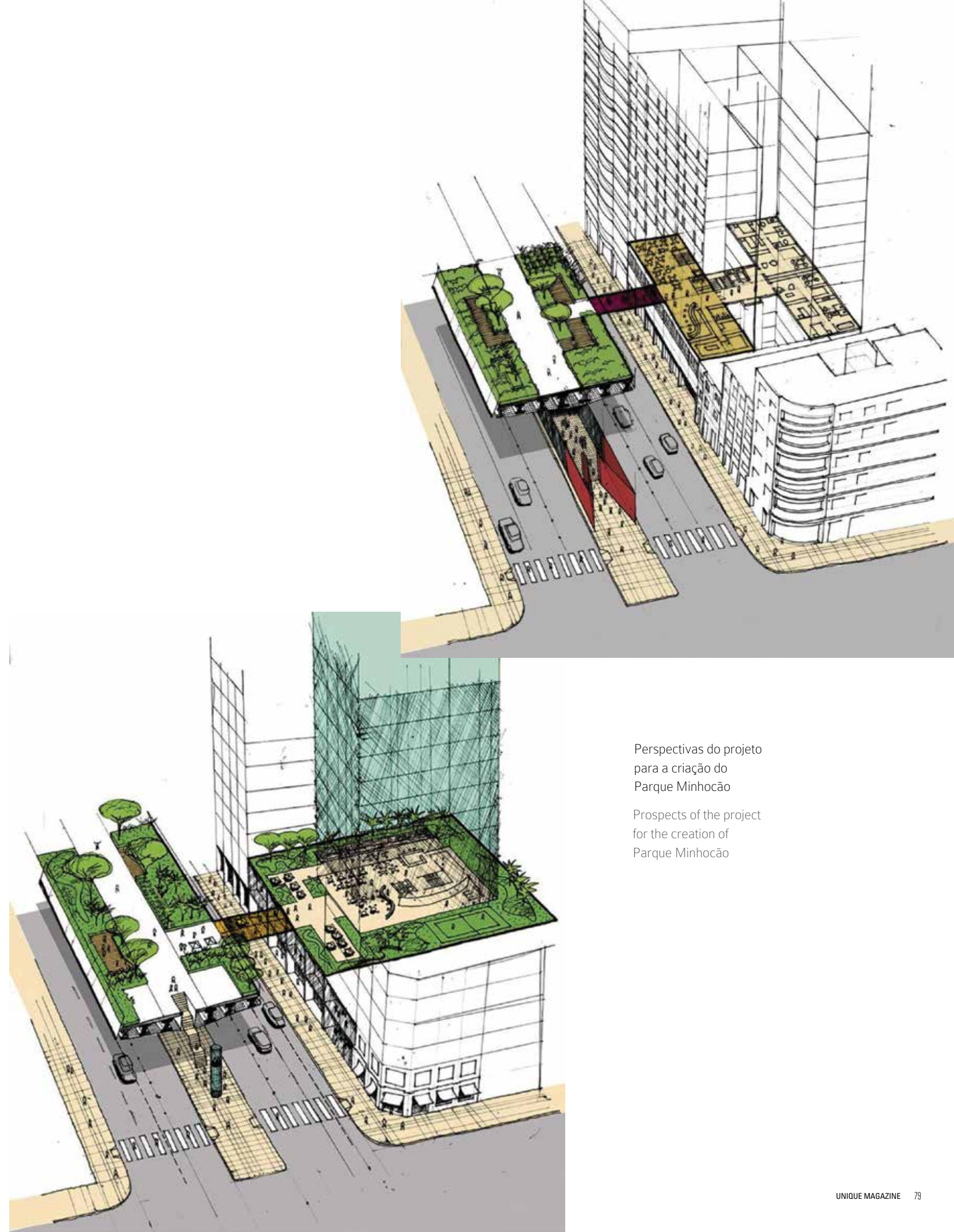
esporte e para a cultura. Com teatros infantis nas janelas vizinhas, eventos ao ar livre e instalações artísticas, o Minhocão foi se tornando um pedaço querido do Centro. Uma das obras mais famosas se deu em 2011, quando o artista Felipe Morozini pintou flores e pássaros temporários no concreto e deu-lhes o título de Jardins Suspensos da Babilônia. “Ali percebi que mais importante do que falar em uma cidade grande como São Paulo é ser ouvido”, conta. “Naquele momento, a cidade me ouviu, repercutiu e reverberou.” Há 20 anos em um apartamento com vista para a estrutura, ele é um dos diretores da Associação Parque Minhocão, criada em 2013, e um de seus membros mais ativos. “Não gosto do clichê de amor e ódio, mas me tornei um cidadão melhor só porque moro na pior obra da cidade.”

A decisão do governo não significa, no entanto, que a iniciativa seja um consenso. Há quem seja contra por se preocupar com o impacto no trânsito, por exemplo, ou com a gentrificação do bairro. Outros ainda prefeririam ver o elevado derrubado de vez e o dinheiro investido em outras partes.

Mesmo Felipe, um defensor apaixonado da ideia, tem suas críticas, como a ausência de ciclofaixas no projeto original — e já marca presença nas audiências públicas para se fazer ouvir. Entretanto, para ele, qualquer projeto estranho de parque já seria melhor do que 76 mil carros zunindo sem parar. “Não existe coisa mais subversiva e revolucionária do que transformar uma estrada num espaço de contemplação e encontro. Pássaros voltarão a piar no meu bairro se isso acontecer. É disso que estou falando”, comemora.

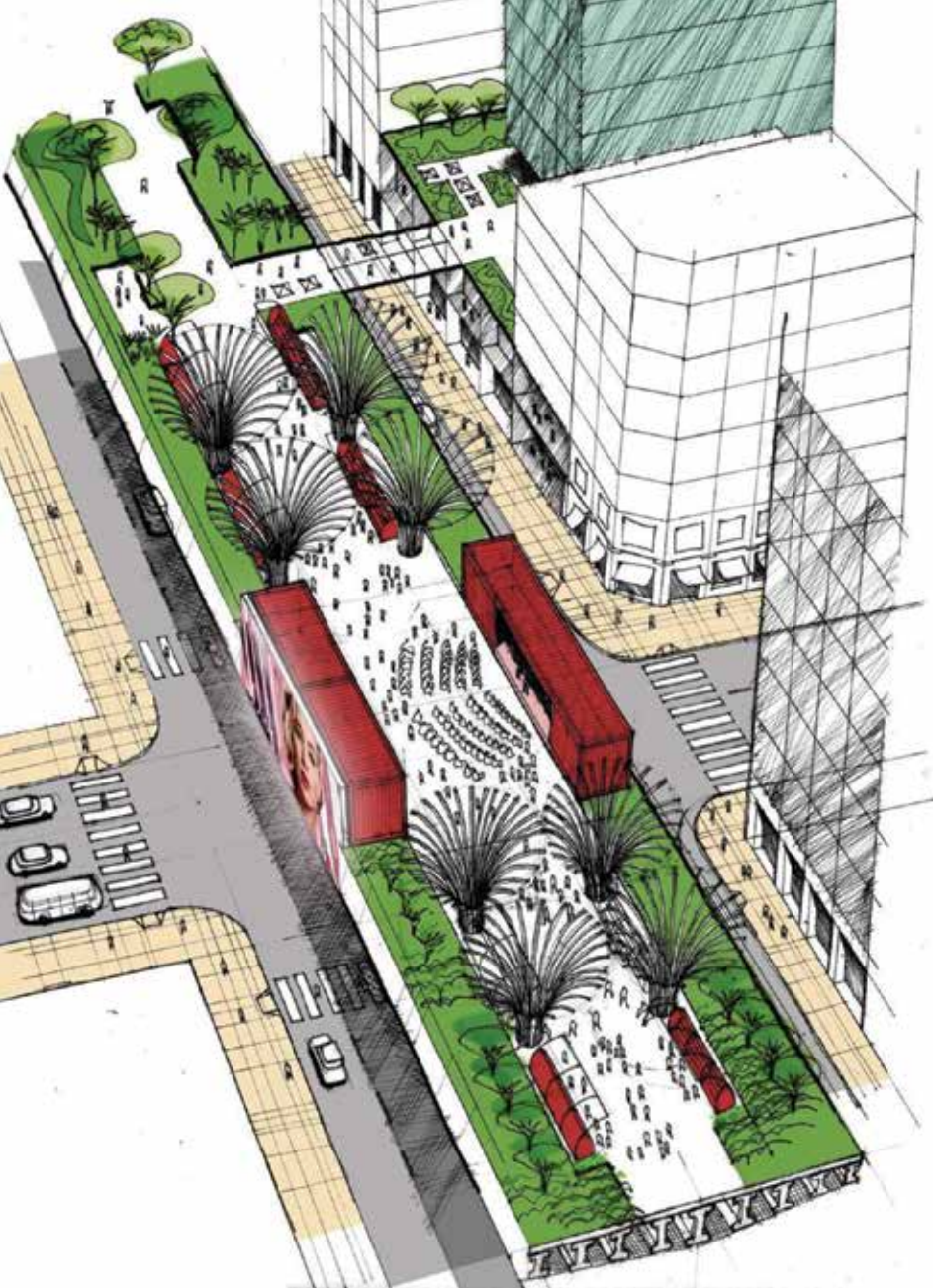


FOTOS DIVULGAÇÃO



Perspectivas do projeto para a criação do Parque Minhocão

Prospects of the project for the creation of Parque Minhocão



FOTOS DIVULGAÇÃO



In February of 2019, São Paulo woke up greener – at least on paper. After almost five years of entraves, the municipality announced the implementation of the first part of the Minhocão Park, a new version of the Elevado Presidente João Goulart.

With the due date of November, 2020, this phase will cover 900 meters between Praça Roosevelt and Largo do Arouche. There will be 17,5 thousand meters squared of gardens, flower boxes and decks, besides nine exclusive accesses. The path for cars will be deactivated little by little and the traffic, redistributed. The main reference for the project will be a proposition by Jaime Lerner, Curitiba’s former mayor, architect and urbanist known for his modular works of public space integration. The government has also promised to identify other needs in dialogue with the people.

The Minhocão Park is openly inspired by conversions such as the High Line Park, in New York, and the Coulée Verte René-Dumont, in Paris. Both successfully transformed former train structures into elevated green areas. Here, the highway is an old acquaintance of the city dwellers and doesn’t have many fans. In 1976, five years after its inauguration, it began to be closed at night to spare nearby inhabitants of the pollution – including noise. Eventually, this period was extended to Saturdays, Sundays and Public Holidays, opening up leisure space of pedestrians. Its three kilometers of asphalt have shown to be fertile soil for sport and culture. With children’s plays in neighboring

windows, open air events and artistic installations, Minhocão became a cherished part of the city Center. One of its most famous artworks was a 2011 installation by Felipe Morozini, who painted temporary flowers and birds on the concrete and called it Hanging Gardens of Babylon. “There I realized that more important than speaking in a big city like São Paulo is being heard”, he says. “In that moment, the city heard me, it became known, reverberated.”

For 20 years living in an apartment with a view of the structure, he is one of the director of the Association Minhocão Park, created in 2013, and one of its more active members. “I don’t like the love/hate cliché, but I became a better citizen just for living in the worst construction of São Paulo.”

The government’s decision doesn’t mean, however, that the initiative is a consensus. There are those who are against it. Be it for worrying about the impact on traffic, for instance, or with the neighborhood gentrification. Others still rather see the elevated torn down and the money invested elsewhere. Even Felipe, a passionate defensor of the cause, has his critics, like the absence of bike lanes in the original project – and is already in the public hearings making his voice heard. Nevertheless, for him, any weird park project would already top 76 thousand cars buzzing non-stop. “There is nothing more subversive and revolutionary than turning a highway into a space for contemplation and conjunction. Birds will come back to my neighborhood if this happens. That’s what I’m talking about”, he celebrates.

A CASA VESTE GUCCI

O sucesso da linha para interiores da marca de moda faz a **Gucci** inscrever seu nome também no universo da decoração

THE HOUSE WEARS GUCCI

The success of the interior design line of the fashion brand makes **Gucci** inscribe its name also in the universe of décor

Na última feira internacional de móveis de Milão—o Salone del Mobile, em abril deste ano —, uma loja criada como pop-up e pensada para durar pouco tempo depois do grande evento, roubou a cena. Localizada no coração do bairro da moda de Milão, na Via Santo Spirito, a primeira loja da Gucci inteiramente dedicada à decoração causou furor tanto quanto os últimos desfiles da grife nas temporadas fashion. Houve um sábado em que foi preciso fechar as portas e depois operar com o sistema de “um sai e outro entra” enquanto clientes indóceis batiam nas janelas. O Instagram com a hashtag #guccidecor bombava. Decididamente, foi o endereço mais fotografado em abril de 2019. Se há um responsável por isso, seu nome é Alessandro Michele. Saíram da cabeça do gênio todos os itens que compõem o universo da Gucci Décor. Ele estendeu a sua estética maximalista para cadeiras, almofadas, velas, vasos, mesas de bandejas, cinzeiros, conjuntos de jantar e até guarda-chuvas. Tudo com as estampas, design, padronagens e cores do ready-to-wear do estilista. Os padrões e os desenhos de assinatura da marca foram aplicados também em papéis de parede. Os preços variaram de 60 euros (incensos) a 32.000 euros (sofá vermelho). A label, em Milão, é uma experiência. Pisar nos tapetes com estofamento floral em camadas é caminhar sobre o jardim maluco de Michele, um sonho que virou realidade. Figuras como a abelha e a cobra vistas em bolsas e tênis em coleções passadas estão em almofadas de veludo, bem ao estilo Gucci. Quem é fã da marca reconhece de longe e sabe que vai se sentar no conforto da alta-costura pop. Os detalhes arquitetônicos originais do edifício em Milão também foram explorados minuciosamente. O lugar foi transformado

numa “Casa Gucci” com portas ornamentadas com painéis, paredes revestidas e salas de estar e de jantar montadas, além de mantas suspensas lembrando tapeçarias. Tudo à venda. Outra novidade rolou na Gucci App. A função para dispositivos Apple direciona os usuários a descobrir lugares históricos de Milão, onde um produto Gucci Décor aparece como uma escultura virtual enorme na tela, juntamente com informações sobre a peça e o local. Os 16 points também estão em um mapa estilo underground impresso em um folheto, disponível nas lojas Gucci em Milão, e incluem a Piazza del Duomo, a Biblioteca Pinacoteca Accademia Ambrosiana e a Piazza Affari. A tecnologia de realidade aumentada da Gucci App, que permite que os clientes vejam peças da coleção Gucci Décor exibidas em seus próprios espaços, também foi atualizada com os novos produtos da linha. Os usuários podem escolher entre uma variedade de opções em destaque no aplicativo e, em seguida, colocar esses produtos virtualmente em seus ambientes pessoais em tempo real, exibindo o resultado nas telas de seus celulares e salvando e compartilhando a imagem. Mais uma sacada genial que só aumentou o fetiche. A Gucci apresentou a série para interiores há cerca de dois anos. No início, apenas no e-commerce gucci.com e algumas lojas selecionadas, mas, agora, os produtos podem ser encontrados em todas as lojas, inclusive no Brasil. A exemplo da mente do seu diretor criativo, a marca pensa grande. A Gucci adquiriu a Richard Ginori, a empresa de porcelana do século 18 que já esteve sob a direção artística do grande designer e arquiteto italiano Gio Ponti, que agora faz toda a porcelana da coleção. Um passo que revela que a ideia chegou para ficar.



Na primeira página, living com peças Gucci. À esquerda, as almofadas exibem as estampas icônicas da marca. Acima, sofá vermelho com design vintage e almofadas Gucci. Abaixo, porcelanas, bandeja e cadeira exclusivas

On the first page, living with Gucci pieces. To the left, the cushions exhibit the iconic prints of the brand. Above, red couch with vintage design and Gucci cushions. Below, exclusive porcelains, tray and chair



FOTOS: DIVULGAÇÃO/GUCCI





DIVULGAÇÃO GUCCI

Espaço tramado com os coloridos e as formas que compõem o estilo Gucci

Space planned with the colors and shapes that make up the Gucci style

In the last international furniture fair of Milan – the Salone del Mobile, in April of this year –, a store created as a pop-up and though of not to last long after the great event stole the scene.

In the heart of the fashion neighborhood in Milan, on Via Santo Spirito, Gucci's first store completely dedicated to décor caused as much furor as the last runways of the brand on fashion weeks. There was a Saturday they needed to close the doors and then operate on a "one out, one in" system while indocile clients banged on the windows. The instagram hashtag #guccidecor trended. Certainly it was the most photographed addresses of April 2019. If there is one person responsible for that, his name is Alessandro Michele. Out of his genius brain came all of the items that make the universe of Gucci Décor. He expanded the maximalistic aesthetic to chairs, cushions, candles, vases, tray tables, ashtrays, dining sets and even umbrellas. All with the prints, design, patterns, and colors of the designer's ready-to-wear line.

The signature patterns and prints of the brand were also applied to wallpaper. The prices range from 60 euro (incense) to 32 thousand (red couch). The label, in Milan, is an experience. To step on the layered floral rug is like walking on Michele's crazy garden, a dream come true. Icons like the bee and the snake seen on purses and sneakers of past collections are on velvet cushions, Gucci style. Fans of the brand recognize it from afar and know they are going to sit on the comfort of pop haute-couture. The architectonic original details of the Milan building were also thoroughly explored. The place was turned into a "Gucci Home" with ornate doors with panels, lined walls and set living and dining rooms, besides suspended blankets that remind you of tapestries. All for sale.

Other news on the Gucci App. The function for Apple users that directs users to discover historic Milanese places, where a Gucci Décor product appears like a huge virtual sculpture on screen, along with information on the piece and the place. The 16 spots are also on a subway-style map printed on a flyer, available at the Gucci stores in Milan, and include the Piazza del Duomo, the Library and Art Gallery Accademia Ambrosiana and the Piazza Affari.

The augmented reality technology of the Gucci App, that allows for people to see pieces of the Gucci Décor collections on their own spaces, was also updated with the new products of the line. Users may choose from a variety of options featured in the app and then put them on their own rooms in real time, exhibiting the result on their cellphone screen, downloading and sharing the image. Another genius idea that only enhanced the fetiche.

Gucci presented the interiors series about two years ago. In the beginning only in the e-commerce gucci.com and some selected stores, but, now, the products may be found in all the stores, even in Brazil. Much like its creative director, the brand thinks big. Gucci acquired Richard Ginori, the 18th century porcelain brand that was once under the artistic direction of the great Italian architect and designer Gio Ponti, that now produces all the porcelain for their line. One step that reveals that the idea came to stay.

CONQUISTE O ÚLTIMO DESTINO DO MAPA

Sonho de consumo da turma que jogava War nos anos 1980, a cidade russa de **Vladivostok** também deveria entrar na sua wish list real. As razões são inúmeras!

CONQUER THE LAST DESTINATION ON THE MAP

The dream of everyone who played War in the 1980s, the Russian city of **Vladivostok** should also be on your real wish-list. The reasons are infinite!



Na página de abertura, a Golden Bridge.
 Acima, o Oceanarium da Academia de Ciências do Extremo Oriente.
 Abaixo, a Catedral da intercessão da Virgem Santa.
 Na página ao lado, vista panorâmica aérea da cidade de Vladivostok



FOTOS: SHUTTERSTOCK

On the opening page, a Golden Bridge.
 Above, the Oceanarium of the Extreme Orient Academy of Sciences.
 Below, the Cathedral of the Intercession of the Holy Virgin.
 On the next page, panoramic view of Vladivostok city

Para começar, a localização estratégica de Vladivostok no mapa-múndi — a sua conquista representava a vitória no jogo War —, a transformou em uma miscelânea de cultura, arquitetura e gastronomia. Apesar de russa, a cidade fica a mais de 9 mil quilômetros tanto de Moscou como de São Petersburgo, e apenas 700 quilômetros de Seul e a pouco mais de mil quilômetros de Tóquio e de Pequim.

A influência Oriental, claro, está presente nos carros que circulam pelas ruas, na qualidade dos serviços e nos sushis encontrados nos restaurantes, em quantidade imensamente maior do que pavlovas, blinis e solyankas. A profusão de ingredientes e receitas é outro ponto alto e um lembrete de que a região já pertenceu a povos diversos, como mongóis e chineses.

A herança arquitetônica não foge à regra. Construções típicas da extinta União Soviética alternam-se com mansões, capelas ortodoxas, igrejas luteranas e um sem-número de monumentos e estátuas, que passam dos estilos romanesco e asiático ao gótico, ao art nouveau e ao barroco em um piscar de olhos. Isso sem falar nas edificações que mesclam os vários estilos de uma só vez. É o caso da estação de trem de Vladivostok, que em 1912 teve o seu design clássico alterado para o mesmo rococó presente na estação Yaroslavsky, de Moscou, em uma clara simbologia à unidade do império russo.

A alternância entre o antigo e o moderno é realmente uma das características mais marcantes de Vladivostok. Destino final da mítica ferrovia Transiberiana, a mais longa (e cool) do planeta, e palco das sagas dos czares no passado, a cidade é hoje vibrante e cosmopolita.

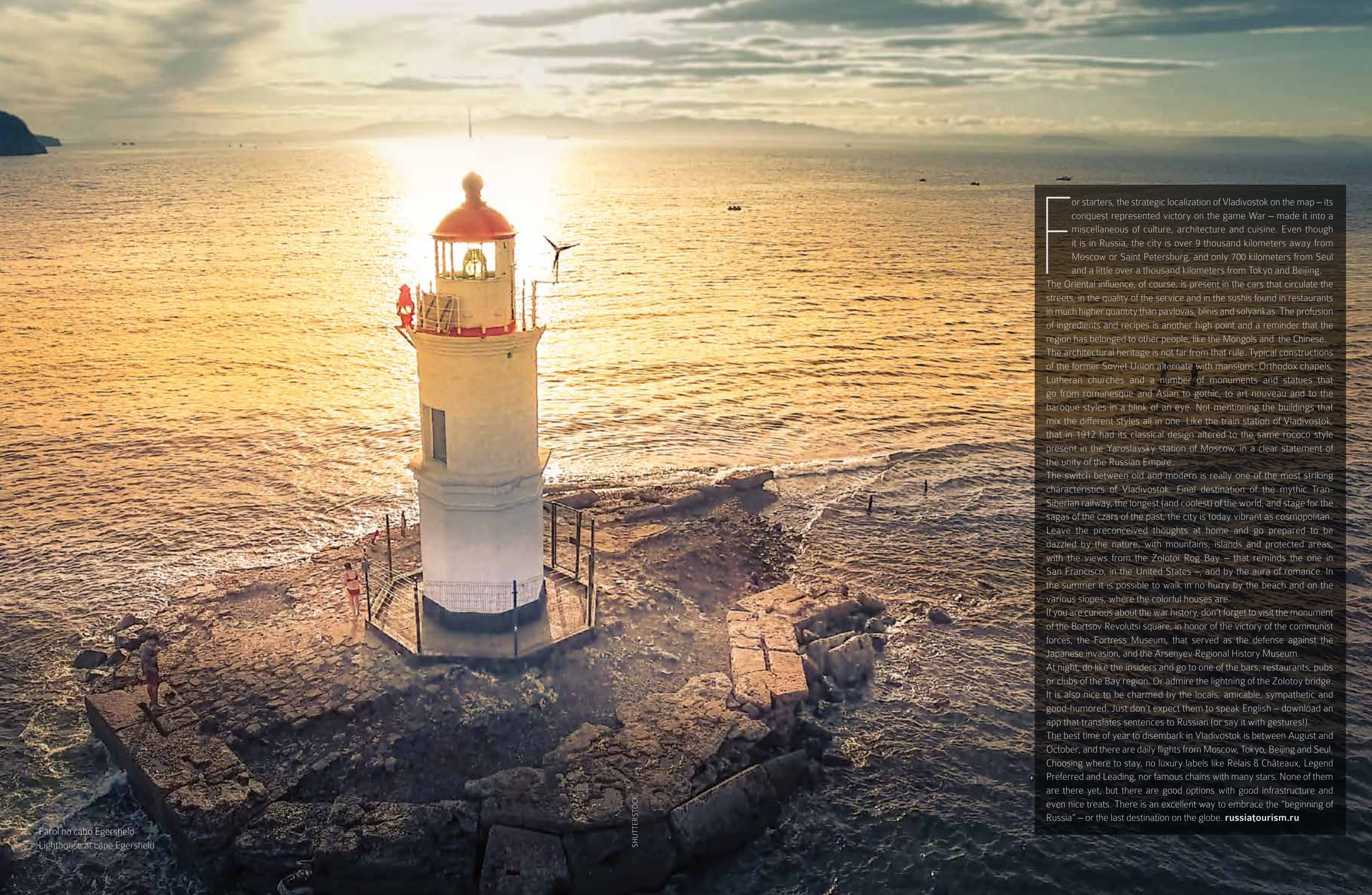
Deixe os pensamentos preconcebidos em casa e parta preparado para deslumbrar-se com a natureza, repleta de montanhas, ilhas e áreas protegidas, com as vistas da Baía de Zolotoi Rog — que lembra a de San Francisco, nos Estados Unidos —, e com a aura de romance. No verão é possível caminhar sem pressa pelos calçadões à beira da praia e pelas inúmeras ladeiras, onde ficam casas coloridas.

Se a sua curiosidade é pela história bélica, não deixe de visitar o monumento da praça Bortsov Revolutsi, em homenagem à vitória das forças comunistas, o Museu Fortaleza, que serviu de defesa à invasão japonesa, e o Museu de História Regional Arsenyev.

À noite, faça como os insiders e siga para um dos bares, restaurantes, pubs e baladas da região da Baía. Ou admire-se com a iluminação da ponte Zolotoy. Também vale se encantar com os moradores, que são amistosos, simpáticos e bem-humorados. Só não espere que falem inglês — certifique-se de baixar um aplicativo que traduza frases para russo (ou mande ver no gestual!).

A melhor época para desembarcar em Vladivostok é entre agosto e outubro, e há voos diários e diretos a partir de Moscou, Tóquio, Pequim e Seul. Na hora de escolher a hospedagem, nada de empreendimentos que integram selos de luxo, como Relais & Châteaux, Legend Preferred e Leading, nem redes famosas que ostentam muitas estrelas. Nenhum deles chegou lá ainda, mas há opções com boa infraestrutura e até mimos bacanas. Eis uma excelente forma de abraçar o “começo da Rússia” — ou o último destino do globo. russiaturism.ru





Farol no cabo Egersheld
Lighthouse at cape Egersheld

SHUTTERSTOCK

For starters, the strategic localization of Vladivostok on the map — its conquest represented victory on the game War — made it into a miscellaneous of culture, architecture and cuisine. Even though it is in Russia, the city is over 9 thousand kilometers away from Moscow or Saint Petersburg, and only 700 kilometers from Seul and a little over a thousand kilometers from Tokyo and Beijing.

The Oriental influence, of course, is present in the cars that circulate the streets, in the quality of the service and in the sushis found in restaurants in much higher quantity than pavlovas, blinis and solyankas. The profusion of ingredients and recipes is another high point and a reminder that the region has belonged to other people, like the Mongols and the Chinese. The architectural heritage is not far from that rule. Typical constructions of the former Soviet Union alternate with mansions, Orthodox chapels, Lutheran churches and a number of monuments and statues that go from romanesque and Asian to gothic, to art nouveau and to the baroque styles in a blink of an eye. Not mentioning the buildings that mix the different styles all in one. Like the train station of Vladivostok, that in 1912 had its classical design altered to the same rococo style present in the Yaroslavsky station of Moscow, in a clear statement of the unity of the Russian Empire.

The switch between old and modern is really one of the most striking characteristics of Vladivostok. Final destination of the mythic Trans-Siberian railway, the longest (and coolest) of the world, and stage for the sagas of the czars of the past, the city is today vibrant as cosmopolitan. Leave the preconceived thoughts at home and go prepared to be dazzled by the nature, with mountains, islands and protected areas, with the views from the Zolotoi Rog Bay — that reminds the one in San Francisco, in the United States —, and by the aura of romance. In the summer it is possible to walk in no hurry by the beach and on the various slopes, where the colorful houses are.

If you are curious about the war history, don't forget to visit the monument of the Bortsov Revolutsi square, in honor of the victory of the communist forces, the Fortress Museum, that served as the defense against the Japanese invasion, and the Arsenyev Regional History Museum.

At night, do like the insiders and go to one of the bars, restaurants, pubs or clubs of the Bay region. Or admire the lightning of the Zolotoy bridge. It is also nice to be charmed by the locals, amicable, sympathetic and good-humored. Just don't expect them to speak English — download an app that translates sentences to Russian (or say it with gestures!).

The best time of year to disembark in Vladivostok is between August and October, and there are daily flights from Moscow, Tokyo, Beijing and Seul. Choosing where to stay, no luxury labels like Relais & Châteaux, Legend Preferred and Leading, nor famous chains with many stars. None of them are there yet, but there are good options with good infrastructure and even nice treats. There is an excellent way to embrace the “beginning of Russia” — or the last destination on the globe. russiatourism.ru

GAROTOS DE LONDRES

Com dois discos lançados e fora do ar desde 2015, o som dançante dos britânicos do **Citizens!** volta às set lists e merece toda a atenção



LONDON BOYS

With two albums out and taking a downtime since 2015, the dancing sound of the British **Citizens!** is back on the set lists and deserves all the attention



FOTOS DIVULGAÇÃO



Há quase dez anos, um grupo de amigos começava a fazer música na Inglaterra, solo fértil para o rock e para o pop. Em 2012, eles já eram considerados pela crítica especializada, caso do “New Music Express” (NME), como a grande promessa da cena internacional. A banda Citizens! fez uma entrada triunfal no mercado fonográfico com o álbum debut “Here we are”, com produção do músico – e cozinheiro de mão-cheia – Alex Kapranos, vocalista da já consagrada Franz Ferdinand.

As canções de Tom Burke (vocal), Thom Rhoades (guitarra), Martyn Richmond (baixo), Lawrence Diamond (teclados) e Mike Evans (bateria) falam de relacionamentos do cotidiano. Algumas das demos caíram nas mãos de Kapranos, que curtiu os caras à primeira audição, já que eles soaram como algo único. Daí para colocar nas paradas “Here we are” foi um pulo. O resultado é um disco recheado de hits, caso de “True Romance”, “Reptile” e “(I’m in Love with Your) Girlfriend”. O sucesso foi tão explosivo que o grupo saiu em turnê ao redor do mundo, chegando inclusive a tocar no Brasil, no MECAFestival, de Porto Alegre, em 2013. Na época, em entrevista ao site “Noize” eles comentaram sobre a afinidade com o vocalista do Franz Ferdinand e da admiração por David Bowie. Mas essas não são as únicas referências dos artistas. Diamond, por exemplo, teve uma fase de obsessão pelo R.E.M., que lhe foi apresentado pela irmã mais velha, além de declarar o seu amor por Velvet Underground, Sex Pistols e Crowded House.

As sacadas dos anos 1980 estão presentes nos sintetizadores e na bateria eletrônica, enquanto o indie aparece nas linhas fortes de baixo e na voz gostosa de Burke. Somado a isso, a trupe se liga ao cotidiano para captar as inspirações muitas vezes vistas em seus videoclipes. Em “True Roman-

ce”, a cena de um casal se beijando em meio ao caos protagonizado por torcidas organizadas de hóquei virou material farto para as mentes criativas por trás dos microfones. A imagem foi reproduzida em diferentes takes, em alguns deles, salpicado por doses extras de sensualidade. Diamond disse em entrevista à época, que a repercussão do vídeo foi melhor do que o esperado, e estava sendo interessante acompanhar os comentários das pessoas a respeito da produção. Foi uma forma de se livrarem um pouco do “retroísmo”, criarem engajamento com os fãs e terem uma música que fosse realmente aberta.

Turnês pela Europa, Américas e Ásia mantiveram os meninos ocupados, mas não a ponto de impedi-los de novas composições. Em 2015, eles lançaram “European Soul”. Na faixa de abertura, o novo sucesso “Lighten Up” abriu caminho para o climão de pista de dança, que seguiu com “My Kind of Girl”, e ainda rolou baladinha cool em “Only Mine”.

Os dois CDs da banda saíram pelo selo francês Kitsuné Musique, e podem ser ouvidos no canal do YouTube (Citizens!). Porém, que me perdoem Larry Page e Sergey Brin, mas nem tudo está online! Não existem muitos indícios do que esperar do Citizens!, que desde 2015 está, literalmente, unplugged.

Richmond deixou a banda e não há traços dele nas redes sociais (o que é um ponto de preocupação em dias à Black Mirror). Evans também é outro mistério no circuito virtual. As últimas postagens de Diamond no Twitter datam de três anos, mesmo período que as fotos de Rhodes minguiaram do Instagram. Burke é o mais ativo e o único que continua fazendo música – e barulho por aí –, além de estar muito envolvido como diretor de criação e curador de experiências ao vivo, atuando na busca de novos modelos de colaboração entre teatro, música, filme e filosofia política.



Almost ten years ago, a group of friends started making music in England, fertile soil for pop and rock. By 2012 they were already considered by the specialised critic, like the “New Music Express” (NME), as the big promise of the international scene. Citizens! made a triumphant entrance in the phonographic market with their debut album “Here we are”, produced by the musician – and chef – Alex Kapranos, lead singer of the well established Franz Ferdinand.

The songs by Tom Burke (lead singer), Thom Rhoades (guitar), Martyn Richmond (bass), Lawrence Diamond (keyboards) and Mike Evans (drums) speak of everyday relationships. Some of the demos fell into Kapranos’ hand, who dig them on the spot, since they sounded unique. From there to putting “Here we are” on the hit parades was a snap.

The result is an album filled with hits, such as “True Romance”, “Reptile” and “(I’m in Love with Your) Girlfriend”. The success was so explosive that the group went on tour across the globe, even getting to play in Brazil, at the MECAFestival of Porto Alegre in 2013. Back then, interviewed by the website “Noize”, they commented on their affinity with the Franz Ferdinand lead singer and their admiration for David Bowie. But those aren’t their only references. Diamond, for instance, had a phase when he obsessed over R.E.M., a band that was introduced to him by his older sister, besides declaring his love for Velvet Underground, Sex Pistols and Crowded House.

The 1980s vibe is present in the synthesisers and in the electric drums, while the indie feeling is in the strong bass lines and in Burke’s nice voice. Add to it their connection to the everyday stuff to capture the inspiration often seen in their videoclips. In “True Romance”, the scene of a couple kissing amongst the chaos of organised hockey fans became plenty of material for the guys behind the mic. The image was reproduced in different takes, some with sprinkles of saltiness.

Diamond said in an interview back then that the repercussion of the video was better than they ever hoped for, and that it was very interesting to keep up with people’s comments about the production. It was a way to get rid of a little of the “retroism”, create engagement with the fans and have a song that was truly open.

Tours across Europe, the Americas and Asia kept the boys busy, but not enough to keep them from writing. In 2015, they launched “European

Soul”. In the opening track, the new success “Lighten Up” opened the way for a dance floor vibe, followed by “My Kind of Girl”, and also by the cool ballad “Only Mine”.

Both albums of the band were launched by the French label Kitsuné Musique, and can be found on their YouTube channel (Citizens!). However, may Larry Page and Sergey Brin forgive me, not everything is online! There aren’t many hints of what to expect from Citizens!, that, since 2015, is, literally, unplugged. Richmond left the band and there are no traces of him of social media (which is a point of concern in Black Mirroresque days). Evans is another virtual mystery. Diamond’s last posts on Twitter date from 3 years ago, same period when Rhodes’ photos began to die out on Instagram. Burke is more active and the only one who keeps making music – and noise around –, besides being very much involved as a creative director and curator of live experiences, acting in the look out for new models of collaboration between theatre, music, film and political philosophy.

SOBRE O CITIZENS!

FORMATION: 2010

CITY: London, England

MEMBERS: Tom Burke, Thom Rhoades, Lawrence

Diamond, Mike Evans e Martyn Richmond (up to 2013)

ALBUMS: “Here we are” (2012) and “European Soul” (2015)

WHEREABOUTS: Not even Google knows

WHERE TO LISTEN: [youtube.com/user/CHANNELCITIZENS](https://www.youtube.com/user/CHANNELCITIZENS)



TRUE ROMANCE videoclip:
[youtube.com/watch?v=OrxxHIRs85U](https://www.youtube.com/watch?v=OrxxHIRs85U)





A VOZ COMO INSTRUMENTO DE LUTA

Usando a arte como forma de questionamento, a cantora **Bia Ferreira** é voz ativa contra o preconceito e a exclusão no cenário musical brasileiro

THE VOICE AS A STRUGGLE MECHANISM

Using art as a form of putting up questions, singer **Bia Ferreira** is an active voice against prejudice and exclusion in the Brazilian musical scene

Minas Gerais é terra de tradições, que vão da arquitetura barroca à culinária regional, passando pela deliciosa maneira de seu povo falar. E é com a voz, que de tempos em tempos, essa terra nos brinda com novos acordes. Foi assim com Milton Nascimento, Lô Borges, Flávio Venturini, Samuel Rosa e Fernanda Takai. Agora, é a vez de outra artista brilhar: Bia Ferreira.

Além de cantar e compor, Bia é instrumentista polivalente. O discurso altivo da artista, na música e na vida, é engajado. A cantora e compositora tem levantado a voz contra o racismo e a favor da população oprimida nas comunidades. Suas palavras também são enfáticas na defesa de outras pautas, como a luta pelos direitos LGBT — parte da nossa sociedade que mais sofre com o preconceito.

Definindo sua música como MMP: Música de Mulher Preta, a jovem cantora usa seu trabalho como um poderoso instrumento de conscientização e reflexão sobre o racismo. Em ascensão no circuito da música independente do país, Bia participou do Pulso Red Bull Music, do Vento Festival 2018 e do programa Estúdio Showlivre. Sua música “Cota não é Esmola”, gravada durante o Sofar Sessions Latin America, em Curitiba, passou a marca de cinco milhões de visualizações no YouTube e se tornou o vídeo mais assistido do projeto.

A canção vai fundo em uma delicada discussão do Brasil — as cotas concedidas em universidades públicas. Seus versos fizeram tanto barulho, que chegaram a virar questão de vestibular em uma faculdade do Paraná no início de 2019. Além disso, a composição ganhou o crivo de um dos símbolos da MPB, o cantor e compositor baiano Caetano Veloso. Em sua página oficial no Instagram, Caê manifestou o desejo que certamente tem a ver com o caráter didático da letra de Bia Ferreira, por ele enaltecida. “Fiquei com vontade de pedir a todos os brasileiros para ouvirem Bia Ferreira, depois de tê-la escutado pessoalmente.”

Depois de quebrar a internet com o hit, Bia lançou o primeiro single gravado em estúdio: “Eu Boto Fé”. Com produção de BNegão, um dos principais nomes do rap brasileiro, a canção busca fomentar a esperança nas pessoas. ““Eu Boto Fé” surgiu da necessidade de mostrar que, apesar da diversidade de vivência de cada indivíduo e do retrocesso da política de direitos sociais, é possível despertar a fé para que possamos prosseguir”, explica.

Segundo ela, a faixa foi escrita observando algumas senhoras idosas voltando do trabalho e falando sobre o expediente como faxineiras. “A música vem ao encontro dessa realidade, e busca despertar o ímpeto de não desistir.” **@BiaFerreiraOficial**

Minas Gerais is a land of traditions that go from baroque architecture and regional cuisine to its people delicious accent. And it is with voices that, from time to time, this land provides us with new chords. It was like this with Milton Nascimento, Lô Borges, Flávio Venturini, Samuel Rosa and Fernanda Takai. Now it is time for another artist to shine: Bia Ferreira.

Besides singing and song-writing, Bia is a versatile musician. Her proud discourse, in music and in life, is engaged. The singer and song-writer has raised her voice against racism and in favor of the oppressed population of the communities. Her words are also emphatic in the defense of other struggles, as the fight for the LGBT rights — part of our society that suffers more prejudice.

Defining her music as BWM: Black Woman’s Music, the young singer uses her work as a powerful instrument of awareness and reflection of racism. Ascending in the independent music scene in the country, Bia was part of Red Bull Music, of the Vento Festival of 2018 and of the Showlivre Studio program. Her song “Cota não é Esmola” (“Affirmative Actions are not Giveaways”), recorded during Sofar Session Latin America, in Curitiba, surpassed the five million bar of visualizations on YouTube and became the most watched video of the project.

The song dives deep into a delicate discussion of Brazil — the affirmative action of public universities in favor of black people. Her verses were so noisy they became an entry exam question in an university in Paraná in the beginning of 2019. Besides, the composition got the attention of one of the symbols of the MPB (Popular Brazilian Music), the singer and song-writer from Bahia, Caetano Veloso. In his official Instagram page, Caê manifested a wish that certainly has to do with the teaching aspect of Bia Ferreira’s lyrics, by him praised: “I wanted to ask all Brazilians to listen to Bia Ferreira after having heard her in person.”

After breaking the internet with the hit song, Bia launched her first single recorded in a studio: “Eu Boto Fé” (I Got Faith on It). Produced by BNegão, one of the main names of Brazilian rap, the song intends to give hope to people. “Eu Boto Fé came from the need to show that, even though there is a diversity of experiences of every individual and our social rights politics are receding, it is possible to awaken the faith so we can go on”, she explains. According to her, the track was written as she observed some elderly women coming home from work talking about their day as cleaning ladies. “The song comes to meet this reality, and intends to awaken the drive not to give up.” **@BiaFerreiraOficial**



TESOUROS DO MUNDO MODERNO

Que tal desbravar lugares incomuns e muito interessantes? Então siga o mestre e veja as dicas para visitar na sua próxima parada pelo mundo

Sabe quando você encontra um lugar especial, com energia diferente e que te deixa com um gostinho de quero mais? Essa lista é composta apenas desses endereços inesquecíveis, pinçados de todos os cantos do mundo e perfeitos para todos os estilos. Com dicas que vão das Américas ao Japão, passando pela Europa, escolhemos os tops que com certeza vão deixar qualquer um curioso para agendar uma visitinha e quem sabe até sair com uma lembrança mais permanente. Vamos lá!

Do you know when you find a place that's special, with a different energy and that leaves you wanting more? This list is made up of only those kinds of unforgettable addresses, from every corner of the world and perfect for every style. With tips from the Americas to Japan, going through Europe, we chose only the best that for sure will make anyone curious to schedule a visit and maybe even leave with a more permanent souvenir. Let's go!

TREASURES OF THE MODERN WORLD

What about unraveling uncommon and interesting places? So follow the master and see the tips of where to go on your next trip around the world

Gonpachi

Inspiração de uma das mais emblemáticas lutas de Hollywood, foi nesse restaurante que replica um cenário do Japão tradicional que a Noiva de Kill Bill enfrenta Gogo e os Crazy 88. Além da referência cinematográfica, a visita vale pela atmosfera descontraída e leve, com direito a exibição de tambores japoneses — taiko — e comida típica. Aniversários são um show a parte que contam com mudanças na música ambiente. gonpachi.jp/nishi-azabu

Gonpachi

Inspiration for one of the most emblematic fight scenes of Hollywood, it was in this restaurant that replicates a scenery from traditional Japan that the Kill Bill Bride faces Gogo and the Crazy 88. Beyond the movie reference, the visit is worth it for the care-less and light atmosphere, with Japanese drums show — taiko — and typical food. Birthdays are a particular event that even modifies the background music. gonpachi.jp/nishi-azabu



Fábrica de Arte Cubano

Uma antiga fábrica de azeite em Havana foi transformada em um grande espaço multicultural contemporâneo. Dividido entre as diversas expressões artísticas, é possível, em uma mesma visita, encontrar mostras de cinema, teatro, música, dança, artes plásticas, fotografia, moda, design e arquitetura. Há ainda na FAC um espaço de balada, um restaurante e alguns bares e cafés para recuperar ou gastar as energias acumuladas. **fac.cu**.

Fábrica de Arte Cubano

A former oil factory in Havana was turned into a huge contemporary multicultural space. Divided among the many artistic forms, it is possible to, in the same visit, see exhibitions of cinema, theater, music, dance, visual arts, photography, fashion, design and architecture. At the FAC, there is still a night club, a restaurant and some bars and cafés to rest or unleash some energy. **fac.cu**



Generation Records

No mesmo lugar e do mesmo tamanho desde quando abriu em 1992, esta loja de vinis vai além da venda de discos. No porão, várias bandas de punk e metal já presentearam o público com espetáculos de bater cabeças. Além das mais vendidas serem de gêneros superpesados, eles tentam investir também em soul, jazz, folk e, no Instagram, há até uma foto com “...Baby one more Time”, da princesinha do pop (Britney Spears). **generationrecords.com**

Generation Records

In the same place and of the same size since it opened in 1992, this vinyl store goes beyond record selling. In the basement, numerous metal and punk bands have entertained the public with head-banging shows. Plus, besides the best sellers being from super heavy genres, they try to invest on soul jazz, folk and, on Instagram, there is even a photo with “...Baby one more Time”, from the pop princess (Britney Spears). **generationrecords.com**



Evil from the Needle

No coração de Camden Town, bem na rua principal, se encontra o seu mais antigo estúdio de tatuagem. Rigorosos e tradicionais, os excelentes artistas transitam por diversos gêneros e são considerados um dos cinco melhores estúdios de Londres pela revista Skin and Ink. No bairro de Amy Winehouse, famoso pelo mercado, onde se encontram brechós com peças raras e comidas de todo o mundo, tatuagens e piercings são um must e cobrem os corpos dos transeuntes locais. **evilfromtheneedle.com**

Evil from the Needle

In the heart of Camden Town, right on the main street, is its oldest tattoo studio. Rigorous and traditional, the excellent artists know every genre and are considered on one London’s best five tattoo studios by Skin and Ink magazine. In Amy Winehouse’s neighborhood, famous by its market, where you can find vintage shops with rare pieces and food from around the world, tattoos and piercings are mandatory and cover the bodies of the locals. **evilfromtheneedle.com**

Red Frog

Uma típica “speakeasy” americana dos anos 1920 na Lisboa contemporânea. É preciso apertar um botão próximo a um pequeno sapo vermelho – “press for cocktails” – e descer dois lances de escada para finalmente se acomodar em uma das confortáveis poltronas vintage e se deliciar com coquetéis assinados pelo tcheco Marian Beke, por clássicos da era da proibição como o Old Fashioned ou o Negroni. **redfrog.pt**

Red Frog

A typical American speakeasy of the 1920s in contemporary Lisbon. It is necessary to press a button near a small red frog – “press for cocktails” – and go down two drops of stairs to get cosy up on one of the comfortable vintage chairs and be delighted by the cocktails signed by Czech Marian Beke, or by prohibition era classics like the Old Fashioned or the Negroni. **redfrog.pt**



FOTOS DIVULGAÇÃO

Real Gabinete Português de Leitura

Nesta viagem no tempo, somos transportados a 1837, quando 43 emigrantes portugueses decidiram criar, no Rio de Janeiro, um espaço para ampliar a cultura de seus contemporâneos. Nasceu assim um espaço projetado por Rafael da Silva Castro, em estilo neomanuelino e forrado de livros do chão ao teto – sem exageros. Inspirada nas “boutiques à lire” francesas, é um espaço fantástico para os amantes das letras. **realgabinete.com.br**

Real Gabinete Português de Leitura

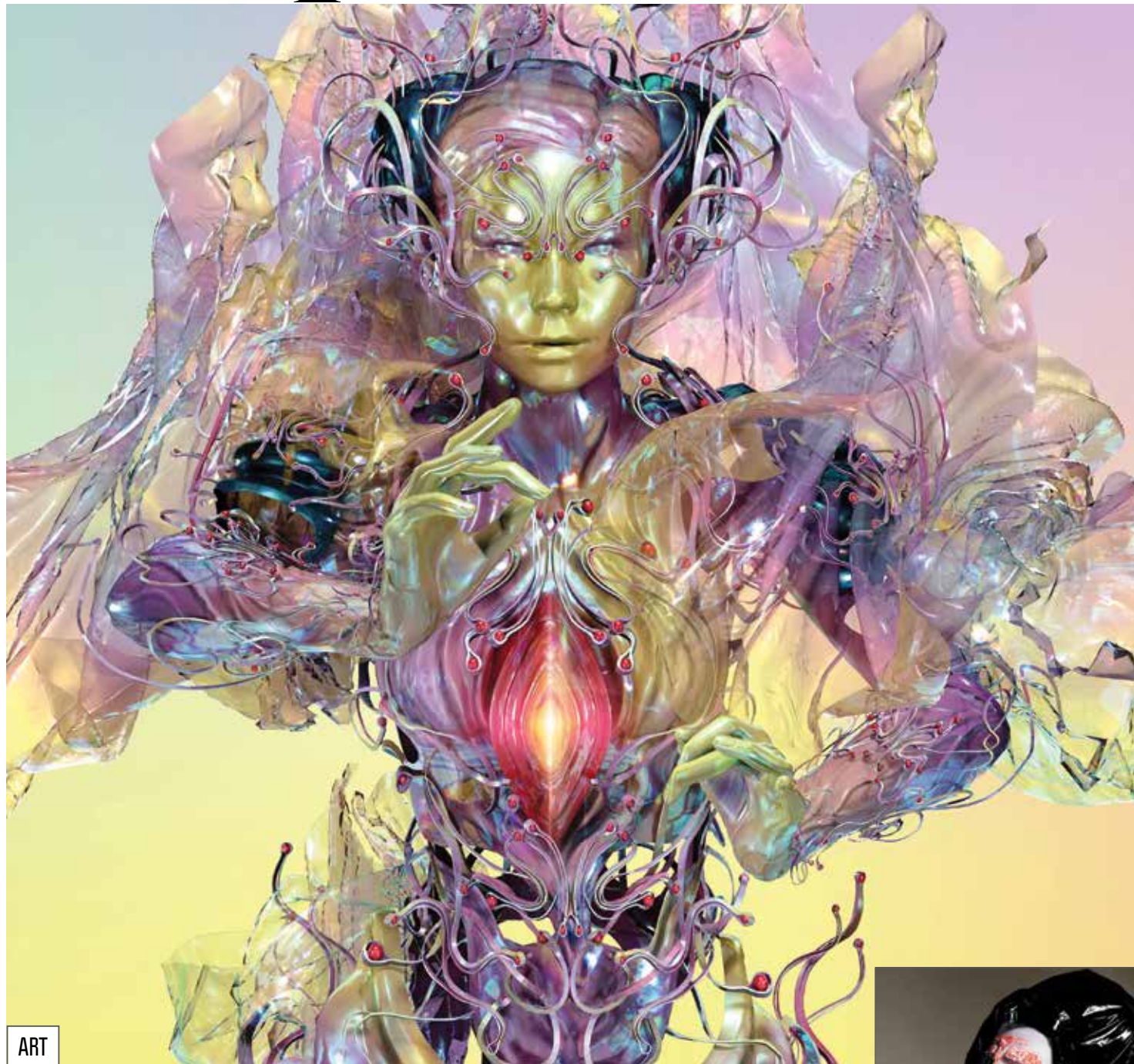
In this time travel, we are transported to 1837, when 43 Portuguese immigrants decided to create, in Rio de Janeiro, a space to expand the culture of their contemporaries. Then there was born a space designed by Rafael da Silva Castro, in “neomanuelino” style and with books from floor to ceiling – no exaggeration. Inspired by the French “boutiques à lire”, it is a fantastic place for book lovers. **realgabinete.com.br**



Drops

SHOWS, SEMINÁRIOS, FESTIVAIS E TUDO O QUE VALE A PENA NOS CIRCUITOS DE ARTE, MODA E FOTOGRAFIA

SHOWS, WORKSHOPS, FESTIVALS AND EVERYTHING THAT'S WORTH VISITING IN THE CIRCUITS OF ART, FASHION AND PHOTOGRAPHY



ART

Realidade Virtual

A multiartista islandesa Björk abalou São Paulo com a expo exibida no MIS, que levou ao público a mistura de música, artes visuais e tecnologia. Dividida em seis áreas, a mostra estreou em 2016, em Sydney, na Austrália, e já fez pit stop em Tóquio, Barcelona, México, Montreal, Londres e Los Angeles. A próxima parada será no Centro Cultural do Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, em 2020. bjork.com

Virtual Reality

The Icelandic multi-artist Bjork rocked São Paulo with her exhibit at the MIS (Museum of Image and Sound), that gave the public a mix of music, visual arts and technology. Fragmented in six areas, the it first showed in Sidney, Australia, and has already stopped by in Tokyo, Barcelona, Mexico, London and Los Angeles. The next stop will be at the Banco do Brasil Cultural Center (CCBB - Centro Cultural Banco do Brasil) in Rio de Janeiro in 2020. bjork.com



FOTOS DIVULGAÇÃO



SHOW

Despedida com beijo

Aos 45 anos, a banda nova-iorquina Kiss anunciou a aposentadoria dos palcos. Para os brasileiros essa será a chance de curtir o som de Gene Simmons, Paul Stanley, Eric Singer e Tommy Thayer ao vivo, naquele que será o último show do quarteto. Supermaquiados e sem perder a veia rock, eles prometem um adeus em grande estilo. A apresentação está prevista para maio de 2020. kissonline.com

Goodbye with a kiss

At 45, the new-yorker groupd Kiss has announced its retirement from the stages. For Brazilians, this will be the last chan-ce to enjoy the sound of Gene Simmons, Paul Stanley, Eric Singer and Tommy Thayer live, in that which will the the four-some's last concert. With loads of make up and without letting go of rock'n'roll, they promise a goodbye in style. The show is scheduled for may 2020. kissonline.com



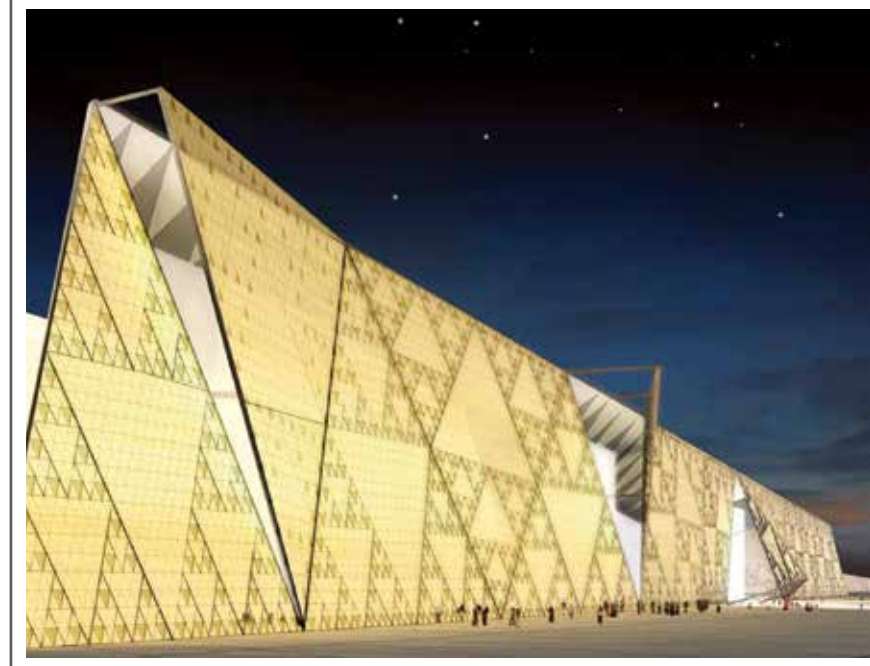
MUSEU

Tesouros milenares

O Grande Museu Egípcio, no Cairo, ainda não abriu as portas, mas já causa alvoroço entre os apaixonados por arte e história. Quando estiver concluído (2020), o lugar terá o maior acervo arqueológico do planeta distribuído por seus robustos 168 mil metros quadrados e três galerias anexas. Na entrada será colocada a estátua do faraó Ramsés II, com mais de 11 metros de altura e 80 toneladas. Vale lembrar aos visitantes, que das 45 mil peças que serão expostas, 25 mil nunca foram vistas. simadiab.com

Millennial treasures

The Grand Egyptian Museum, in Cairo, still haven't opened its doors, but already causes frenzy among those passionate for art and history. When finished (2020), the place will have the greatest archeological archive of the planet between its robust 168 thousand square meters and three annexes. In the entran-ce, there will be a statue of pharaoh Ramses II of over 11 me-ters tall and 80 tons. It is worth reminding the visitors that from the 45 thousand exhibited pieces, 25 thousand were ne-ver seen before. simadiab.com



DESIGN

Fornasetti

Nem adianta tentar enquadrar as obras do milanês Piero Fornasetti em algum movimento preestabelecido. Ele fugia à regra. Graças às suas experimentações e ao apego ao artesanato, acabou caindo no gosto de Gio Ponti, com quem firmou parceria por décadas. Foi a partir dos anos 1970 que Fornasetti introduziu o conceito de forma e funcionalidade às suas cerâmicas. fornasetti.com

Fornasetti

It is not worth it trying to place the works of Milanese Piero Fornasetti in a pre-established art movement. He went beyond the rules. Thanks to his experimentations and his attachment to the artisanal, he ended up falling in Gio Ponti's good graces, with whom he formed a partnership for decades. It was from the 1970s that Fornasetti introduced the concept of form and function to his ceramics. fornasetti.com

NOVIDADE

Tríptico

A 4ª edição do Doppia Firma, projeto da Fundação Cologni dei Mestieri d'Arte e Living Corriere della Sera, que combina designers com artesãos altamente qualificados, teve como destaque a luminária de piso de vitral e mármore assinada por Maarten de Ceulaer e o biombo do designer Vito Nesta, que teve a estrutura metálica revestida por um fino papel pintado à mão. **vitonestacom**

Triptych

The 4th edition of Doppia Firma, project of Cologni dei Mestieri d'Arte e Living Corriere della Serra, that mixes designers and highly qualified artists, had as highlights the floor lamp of stai-ned glass and marble signed by Maarten de Caulaer and Vito Nesta's folding screen, whose metallic structure is coated by some hand painted screen paper. **vitonestacom**



TOP

Ela é pop!

O momento é do K-Pop, ritmo originário na Coreia do Sul, que já chegou ao Ocidente com força total. É de lá que vem um dos rostos mais festejados da atualidade, o da cantora Victoria Song, ex-integrante do grupo f(x), agora em voo solo, com direito a paradinha no mundo da moda – com aval da poderosa Chanel. **@victoria02_02**



FOTOS DIVULGAÇÃO

She's pop!

It's K-Pop's moment, a rhythm original from South Korea that arrived at the East in full force. It is from it one of the most celebrated faces of the moment, that of singer Victoria Song, former member of the group f(x), now flying solo and stopping by at the fashion world – praised by powerful Chanel. **@victoria02_02**



ARQUITETURA

Oásis do Oriente

Embora o primeiro pavilhão do Museu M+, em Hong Kong, projetado pelo escritório de arquitetura Herzog & de Meuron, tenha sido aberto em 2016, somente agora será possível visitar todas as suas instalações, que ocupam uma área de 60 mil metros quadrados dedicados ao cinema, à arte e ao design dos séculos 20 e 21. **westkowlon.hk**

Western Oasis

While the first pavilion of the M+ Museum, in Hong Kong, de-signed by the architects of Herzog & Meuron, opened in 2016, only now it is possible to see all of its installations, that occupy an area of 60 thousand meters dedicated to cinema, art and design of the 20th and 21st centuries. **westkowlon.hk**

TREND

Neo mint

É a cara do verão – fresco, descontraído e vibrante. O verde-menta promete ser a sensação da temporada, pelo menos é o que aponta o bureau de tendências, MSGM. A cor de 2020 pega carona no enredo tecnológico, mas sem renunciar à natureza, fazendo valer, inclusive, a neutralidade de gênero (bossa amada pelos fashionistas!).

Neo mint

It is just like Summer — fresh, chill and vibrant. The mint green promises to be the thrill of the season, or at least so says the trend bureau, WGSN. The 2020 color catches a ride with the tech story, without renouncing nature and also going for gender neu-trality (a fashionista propensity!).



MOSTRA

Utopia redesenhada

O curador Fernando Pitta encarregou-se de selecionar as obras do artista catalão Adrià Juliá, que estão expostas na Pinacoteca (Edifício Pina Luz), até 16 de fevereiro de 2020. Sua produção em filme e videoinstalação parte de uma suposta objetividade documental para construir ficções que desvelam aspectos esquecidos ou ocultados da história. **pinacoteca.org.br**

Redrawn utopia

Curator Fernando Pitta was in charge of picking the works of Catalan artist Adrià Juliá that are exhibited at the Pinacoteca (Pina Luz Building) up to February 16th of 2020. His film and video-installation productions start from a supposed documental objectivity to build fictions that unveil forgotten or hidden aspects of history. **pinacoteca.org.br**





BOOK

Colecionismo

Fotógrafo dos mais badalados, David Bailey ganha retrospectiva com o melhor do seu acervo. Foram dois anos dedicados às pesquisas para reunir os retratos mais icônicos tirados por ele, entre as décadas de 1950 e 2010. Ao todo, 300 personalidades figuram no livro editado pela Taschen, a exemplo de Nelson Mandela, Beatles, Mick Jagger, rainha Elizabeth II, Salvador Dalí, Bill Gates e Yves Saint Laurent. **taschen.com**

Collecting

One of the most hyped photographers, David Bailey gets a re-trospective with the best in his archive. There were two years dedicated to reuniting the most iconic portraits he took between the decades of 1950 and 2010. All in all, 300 personalities figure in the Taschen edited book, like Nelson Mandela, the Beatles, Mick Jagger, Queen Elizabeth II, Salvador Dalí, Bill Gates and Yves Saint Laurent. **taschen.com**

MOBILIÁRIO



Cromoterapia

O desenho cinquentinha segue com tudo – e prova disso está no line-up de estilistas e designers do mundo todo. Sem fugir à regra, a grife Minotti tem entre os seus sucessos a poltrona Prince, que reúne a tecnologia do século 21 e o traço da década de 1950. Idealizada sobre uma base de alumínio fundido, a peça tem estética industrial e contornos suaves. **minotti.com**

Chromatherapy

The fifties vibe still has it all — and what proves it is the lineup of clothing and furniture designers all over the world. Not going off script, the brand Minotti has among its successes the Prince chair, that reunites the technology of the 21st century and the lines of the 1950s. Thought of on an aluminum base, the piece has an industrial aesthetic and light contours. **minotti.com**



VITRINE

Métrica minimalista

O arquiteto italiano Piero Lissoni assina a coleção de revestimentos Stone Parquet, que traz texturas emprestadas do clássico piso de madeira e coloridos inspirados em pedras. O lançamento pode ser aplicado tanto em paredes como em piso, e garante a elegância que Lissoni faz questão de exibir. **lissoniassociati.com**

Minimalistic metric

Italian architect Piero Lissoni signs the coating collection of Stone Parquet, that brings forth textures borrowed from the classic hardwood floor and colorful stone inspirations. The new line may be applied both to walls and floors and guarantees the elegance Lissoni makes sure of exhibiting. **lissoniassocia-ti.com**

Programação sujeita a alterações. Para informações adicionais, consulte o nosso concierge

The agenda is subject to sudden changes. For additional information, please consult our concierge

PALADAR

Apure os sentidos

Bangcoc é um dos destinos mais peculiares do mapa, dos costumes à gastronomia. Dono de coloridos intensos – e de uma significativa população indiana –, o roteiro aposta em sabores regionais com toque contemporâneo para conquistar os paladares. Nas ruas próximas a Sukhumvit e Silom estão os melhores restaurantes do lugar, entre eles, o famoso Nahm, pilotado pela chef Pim Techamuanvith, que acrescenta às suas receitas criatividade e ingredientes regionais. **comohotels.com**

Heighten your senses

Bangkok is one of the most peculiar destinations on the globe, from the customs to the cuisine. Made of intense colors – and a significant Indian population –, the script bets on regional flavors with a contemporary touch to conquer palates. In the streets near Sukhumvit and Silom are the best restaurants and, among them, the famous Nahm, run by chef Pim Techamuanvith, that adds to the recipes creativity and regional ingredients. **comohotels.com**



FOTOS DIVULGAÇÃO



ART

AVANT-GARDE

A exposição “Arte no Brasil: Uma história na Pinacoteca de São Paulo. Vanguarda brasileira dos anos 1960 – Coleção Roger Wright” apresenta um recorte de 80 obras realizadas entre as décadas de 1960 e 1970 no Brasil pelos artistas mais representativos da nova figuração, do teor político e da explosão colorida do pop, como Wesley Duke Lee, Claudio Tozzi, Antonio Dias, Cildo Meireles, Nelson Leirner, Raymundo Colares, Rubens Gerchman, Carlos Zilio, entre outros. A mostra fica em cartaz até 26 de agosto de 2020, no 1º andar da Pinacoteca – Praça da Luz, 2. **pinacoteca.org.br**

AVANT-GARDE

The exhibition “Arte no Brasil: Uma história na Pinacoteca de São Paulo. Vanguarda brasileira dos anos 1960 – Coleção Roger Wright” presents a cutout of 80 pieces made between the 1960s and 70s in Brazil by the most representative artists of the new figuration, of political substance, and of the pop colorful explosion like Wesley Duke Lee, Claudio Tozzi, Antonio Dias, Cildo Meireles, Nelson Leirner, Raymundo Colares, Rubens Gerchman, Carlos Zilio, among others. The exhibit is on show until August 26 of 2020, on the first floor of the Pinacoteca – Praça da Luz, 2. **pinacoteca.org.br**



A novidade é o máximo!

Para proporcionar momentos marcantes na vida de seus hóspedes, o Unique e o Unique Garden agora são os únicos hotéis da América do Sul a contar com os amenities da renomada marca italiana Acqua di Parma. O kit é composto por xampu, condicionador, sabonetes em barra e líquido e loção corporal e está disponível nos 94 apartamentos do empreendimento paulistano e nos 27 chalés localizados em Mairiporã, (SP). Os produtos Acqua di Parma são feitos à mão, em pequenos laboratórios, respeitando as tradições da grife.

Amazing news!

To provide remarkable moments in the lives of its guests, Unique and Unique Garden are currently the only hotels in South America to provide amenities by the renowned Italian brand Acqua di Parma. The kit includes shampoo, conditioner, bar and liquid soap and body lotion and is available in the 94 apartments of the São Paulo venture and in the 27 chalets of Mairiporã (SP). Acqua di Parma products are hand made in small labs, with respect to the brand’s traditions.



Concierge digital

A Portier, que acaba de aterrissar no País, agora faz parte dos serviços exclusivos oferecidos pelo Hotel Unique. Os smartphones Portier contam com 4G ilimitado, pacote de chamadas locais e internacionais gratuitas, guia da cidade interativo, acesso facilitado aos recursos do hotel, diversos idiomas e dicas personalizadas que garantem experiências inesquecíveis. Além disso, é possível manter os visitantes informados em tempo real. Um gadget que tem a cara dos novos tempos.

Digital concierge

Portier, that has just arrived in the country, is now part of the exclusive services offered by Hotel Unique. The Portier smartphones are equipped with unlimited 4G, local and international free calls, interactive city guide, facilitated access to the hotel’s resources, several languages and personalized tips that guarantee unforgettable experiences. Besides, visitors can keep informed in real time. A gadget that is the face of current times.

Uniformes fashion

Gloria Coelho é dona de traços racionais e contemporâneos, que levam em conta a funcionalidade das formas – predcados que traduzem o lifestyle da grife Unique. Foi por conta dessa similaridade que a estilista foi convidada para assinar os uniformes do time de colaboradores dos hotéis Unique e Unique Garden. Tarefa aceita, ela buscou inspiração na cultura escandinava, especialmente na Suécia, optando por tonalidades neutras, cortes estruturados e caimentos confortáveis. O ar chique, porém despojado, fica por conta do tecido eleito para compor as peças, o “timeless”, assim como os comprimentos midi e as sobreposições atemporais.

Fashion uniforms

Gloria Coelho owns rational and contemporary lines that take into account the functionality of forms – predicates that translate Unique’s lifestyle. Because of this similarities, the designer was invited to sign the uniforms of the team of collaborators of the hotels Unique and Unique Garden. Task accepted, she looked for inspiration in the Scandinavian culture, specially in Sweden, opting for neutral tones, structured cuts and comfortable fitting. The chic, yet loose vibe is there thanks to the fabric chosen for the pieces, the “timeless”, whose name matched the mid-lenghts and layering.



Sinal verde

Pensando em soluções cada vez mais práticas e ecologicamente responsáveis, o Hotel Unique ganhou um ponto de carga para veículos elétricos, instalado pela Porsche. A iniciativa também contempla o abastecimento gratuito de carros híbridos de outras marcas, desde que produzidos na Europa (T2). O ciclo da bateria acrescenta aproximadamente 50 quilômetros de autonomia para cada meia hora de carregamento, ou seja, em até uma hora, dependendo do modelo do automóvel, a carga estará completa.

Green light

Thinking of ever more practical and ecologically responsible solutions, Hotel Unique gained an electric car charging station, installed by Porsche. The initiative also contemplates free charging of other brands’ hybrids, as long as produced in Europe (T2). The battery’s cycle adds approximately 50 km of autonomy for every half-hour of charge, meaning that in up to an hour, depending on the model, the charge will be full.

EFEITO ÓTICO

Projetado pelo designer holandês Marcel Wanders para a Moooi, o sofá Charleston brinca com os sentidos da proporção. Longe de ser monótona, a peça tem traçado vertical e é sustentada por uma estrutura de aço. O revestimento do estofado desponta com toque vintage e aconchegante — um convite para curtir o skyline do Unique de outro ângulo.

OPTICAL EFFECT

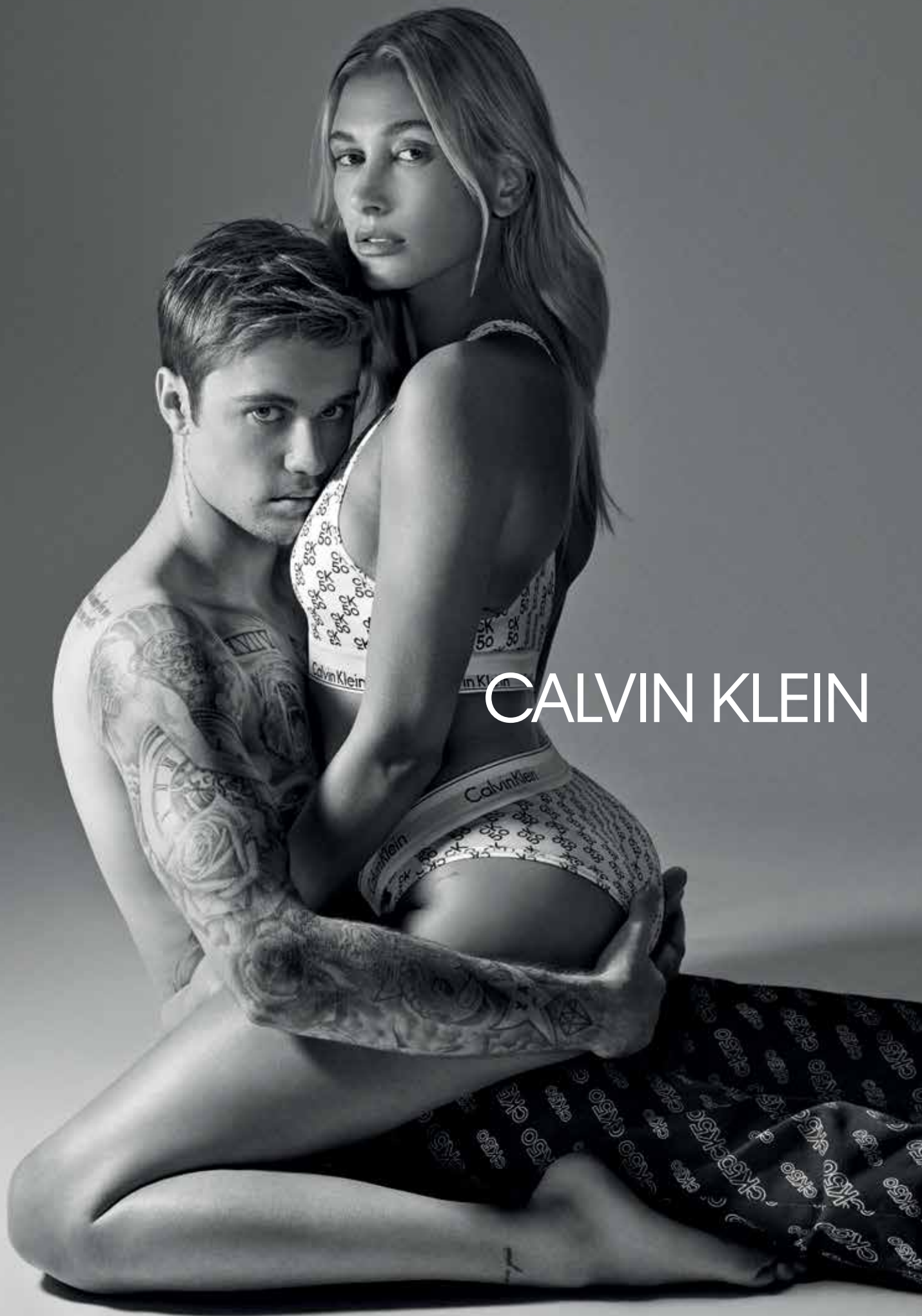
Designed by the Dutch Marcel Wanders for Moooi, the Charleston couch plays with your sense of proportion. Far from being monotone, the piece has vertical traces and is held by a steel structure. It's upholstering accents a vintage and cosy touch — an invitation to enjoy Unique's skyline from a new angle.



FOTO DIVULGAÇÃO

BEBE COM MODERAÇÃO.





CALVIN KLEIN